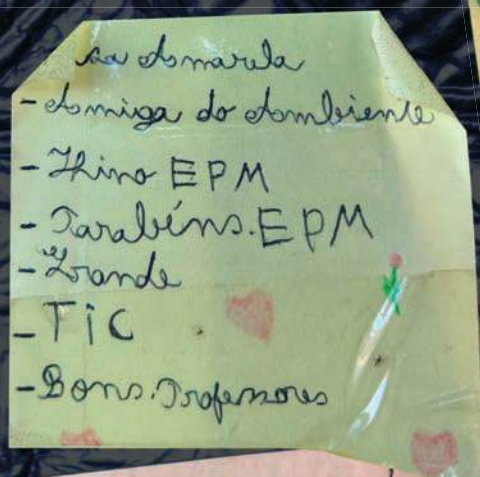


O PÁTIO

ANO XXVI | N.º 128 | DEZ-FEV 2025/2026 | ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE - CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA

26 anos de compromisso educativo

Honrar o passado, formar o futuro



ENTREVISTA | Jorge Ferrão

Uma escola que regressa para se reinventar

A escola é, verdadeiramente, internacional, com uma multiplicidade de nacionalidades, mas com um currículo que permite, depois, o acesso às universidades portuguesas e, consequentemente, a outras instituições na Europa.

Momentos “ O Palco é Teu !”



A EPM-CELP celebrou, com grande entusiasmo, o seu 26.º aniversário, subordinado ao mote “Exemplos que nos inspiram”. Este tema procurou homenagear os nossos quatro patronos — Dilon Djindji, José Craveirinha, Malangatana e Carlos Paredes — personalidades maiores da cultura, da arte e do pensamento, cujos percursos de vida, marcados pelo talento, pela perseverança e pelo compromisso com a sociedade, continuam a inspirar gerações e a dar sentido ao projeto educativo da nossa escola.

Este ano celebrámos também dois projetos estruturantes da nossa comunidade educativa: os 16 anos do Projeto *Mabuko Ya Hina* e os 10 anos do Projeto Mãos na Ciência, iniciativas que refletem o compromisso da escola com a solidariedade, a ciência, o conhecimento e a formação integral dos nossos alunos. Assinalámos igualmente o 2.º aniversário do Polo da Beira da EPM-CELP, um projeto que tem vindo a afirmar-se e a crescer de forma sustentada, alargando a presença e a missão da nossa escola e reforçando o nosso compromisso com a educação e com a promoção da Língua Portuguesa em Moçambique.

Ao longo de uma semana, a escola viveu momentos muito especiais. Celebrámos o mérito académico e social, distinguindo o esforço, o trabalho e a dedicação dos nossos alunos, mas celebrámos também os afetos, a amizade, a criatividade e os talentos da nossa comunidade educativa. Foram dias de grande envolvimento de alunos, professores, funcionários e famílias, que participaram ativamente nas diversas atividades culturais, científicas, desportivas e artísticas que marcaram esta comemoração.

Estes momentos mostraram, mais uma vez, que a EPM-CELP não é apenas um espaço de ensino. É um espaço de cultura, de encontro e de partilha. Um espaço onde se aprende, mas também onde se cresce como pessoa, onde se constroem relações, onde se desenvolvem valores e onde se formam cidadãos.

Continuamos a perseguir o objetivo de formar cidadãos críticos, responsáveis, solidários, criativos e preparados para enfrentar os desafios de um mundo em constante mudança, sem perderem o sentido de comunidade, de respeito pelo outro e de responsabilidade social.

A aposta contínua na formação dos nossos recursos humanos, na inovação pedagógica e na promoção e divulgação da Língua Portuguesa continua a materializar uma das principais missões da EPM-CELP. Através do trabalho diário de toda a comunidade educativa, procuramos não só ensinar, mas também educar, formar

e preparar as novas gerações para o futuro, e por isso apoiamos mais uma vez a realização da Feira do Futuro em parceria com a APEE.

Celebrar o aniversário da EPM-CELP é, acima de tudo, celebrar uma comunidade, uma história, um caminho construído ao longo de muitos anos e, sobretudo, um projeto educativo com futuro, agora reforçado também pelo crescimento do Polo da Beira, que representa a continuidade e a expansão da missão da EPM-CELP em Moçambique.

CAP



SUMÁRIO

6. ANIVERSÁRIO EPM-CELP | 26 anos de cultura, ciência e diálogo entre Moçambique e Portugal.

9. COOPERAÇÃO | *Mabuko Ya Hina* 16 Anos a “Semear” Futuro através da Leitura.

10. MÃOS NA CIÊNCIA | 10 anos de compromisso com a inovação pedagógica.

12. CIÊNCIA | Exposição “Da Luz à Cor: Quando a Ciência Inspira a Arte”.

13. ENTREVISTA | Uma escola que regressa para se reinventar.

17. COOPERAÇÃO | 16 anos a semear futuros através da leitura.

18. SOLIDARIEDADE | EPM-CELP doa cerca de 400 quilogramas de produtos e roupa a vítimas das cheias.

20. FORMAÇÃO | Curso de Inglês reforçou qualidade de comunicação e serviço na EPM-CELP.

21. LANÇAMENTO | Um palco de literatura e artes.

22. EFEMÉRIDES | “Resiliência à Prova de Água”.

23. EFEMÉRIDES | Portões da escola ganharam novo rosto com mais segurança e eficiência.

24. REPORTAGEM ANTIGO ALUNO | Tiago Coelho e o privilégio de não falhar.

26. ATIVIDADES | Professores do pré-escolar encenam peça natalícia para alunos.

28. ATIVIDADES | Alunos do 4.º e 11.º anos visitaram o Museu de História Natural de Maputo.

29. DESPORTO | Torneio “*Paintball* Humano” animou turmas do quarto ano na EPM-CELP.

30. POLO DA BEIRA | O Polo da Beira celebra dois anos de existência.

32. CRÍTICA LITERÁRIA | Apreciação escrita de “O Estrangeiro”, de Albert Camus.

33. PSICOLOGANDO | O pulsar de uma escola incubadora de vidas.

34. ASSOCIAÇÃO DE PAIS | Feira do Futuro: preparar hoje o amanhã.



21. ENTREVISTA | Jorge Ferrão

Reitor

A escola é, verdadeiramente, internacional, com uma multiplicidade de nacionalidades, mas com um currículo que permite, depois, o acesso às universidades portuguesas e, conseqüentemente, a outras instituições na Europa.



17. COOPERAÇÃO | 16 anos a semear futuros através da leitura.

O sucesso destes 16 anos reside também na formação contínua de professores e bibliotecários.



28. EFEMÉRIDES | Portões da escola ganharam novo rosto com mais segurança e eficiência.

Fruto de um esforço interno contínuo e de uma gestão criteriosa, reflete a política da EPM-CELP de requalificação sistemática dos seus espaços e serviços.

26 anos de cultura, ciência e di entre Moçambique e Portugal



A Escola Portuguesa de Moçambique (EPM-CELP) viveu uma semana memorável, unindo três marcos históricos: o seu 26.º aniversário, 15 anos do projeto de promoção da leitura “*Mabuko ya Hina*” e a primeira década do emblemático projeto “Mãos na Ciência”. Sob o mote “26 anos – exemplos que nos inspiram”, a instituição reafirmou-se como um ecossistema onde a educação pulsa em harmonia com a cultura e a criatividade.

Ao evocar figuras como Dilon Djindji, Malangatana, José Craveirinha e Carlos Paredes, patronos dos espaços vitais da escola, respetivamente da Ala da Música, da Ala das Artes, da Biblioteca Escolar e do Auditório, a EPM-CELP lembrou que nas suas salas e corredores ocorrem, diariamente, lições vivas de cidadania e arte. Os nomes destas figuras históricas, não batizam apenas salas, evocam o seu exemplo, moldam consciências e iluminam o percurso dos alunos, atualmente enriquecido pelo Plano Cultural das Artes, que diariamente inspira e materializa diversas iniciativas pedagógicas na escola.

Durante cinco dias, a escola exponenciou-se como território de partilha vibrante. Entre dezenas de atividades, a iniciativa “O Palco é Teu” assumiu-se como o coração das festividades, servindo de vitrine para interpretações musicais, poesia, dança e improvisação instrumental. Entre o brio técnico e o entusiasmo do público, alunos e professores partilharam o protagonismo, provando que a aprendizagem na EPM-CELP se constrói também na partilha e nos afetos.



Sessão Solene Honrar o Mérito, Celebrar a Memória

A sessão solene do 26.º aniversário da EPM-CELP decorreu num ambiente de festa, música e profunda emoção, tendo como ponto alto a tradicional entrega de prémios de mérito aos alunos que mais se destacaram no ano letivo 2024/2025. A cerimónia iniciou-se com a interpretação instrumental e coral dos hinos de Moçambique e de Portugal, executados por alunos e professores, dando o tom para os discursos que celebraram o percurso da Escola.

A presidente da Comissão Administrativa Provisória (CAP), Luísa Antunes, destacou que a EPM-CELP “tem sido um espaço de encontros, diálogos e construção de pontes entre culturas, saberes e gerações”. Sublinhou que aquele momento “é mais do que o cumprimento de um ritual ou de uma tradição; é a restituição de um momento merecido, uma homenagem à resistência silenciosa que nos define como comunidade”.

Neste aniversário, a memória serviu de elo aos quatro patronos da instituição: Malangatana, Dilon Djindji, José Craveirinha e Carlos Paredes. “Quatro vozes, quatro gestos, quatro formas de interpretar o

mundo”, referiu a presidente, acrescentando que nestas figuras “encontramos as marcas da nossa identidade: o traço firme, a cor vibrante, a palavra que transforma e a música que nos une”. Para Luísa Antunes, estes nomes “constituem símbolos vivos da nossa estratégia de cooperação e da sólida e frutuosa relação entre Portugal e Moçambique, refletida diariamente no trabalho desenvolvido nesta casa”.

Enquanto no Auditório Carlos Paredes preparava-se a solenidade, a celebração estendeu-se aos corredores e gabinetes através da visita de convidados especiais, como a Secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Ana Isabel Xavier, e o Secretário de Estado Adjunto e do Trabalho, Adriano Rafael Moreira. Acompanhados pela comitiva oficial e pelos membros da CAP, os governantes experienciaram o quotidiano da EPM-CELP num contacto próximo e interativo com os alunos, descobrindo as múltiplas valências que articulam o projeto educativo da escola.

José Craveirinha
Patrono - Biblioteca

Carlos Paredes
Patrono - Auditório



Dilon Djindji
Patrono - Ala da Música

Malangatana
Patrono - Ala das Artes

“Um exemplo muito claro de sucesso...”

Um dos momentos mais solenes da cerimónia foi a entrega do Prémio Baltazar Rebelo de Sousa à aluna Taís dos Santos Biener Pedro (11.ºA2), pelas mãos da Secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Ana Isabel Xavier. No seu discurso, a governante enalteceu o percurso da instituição e o projeto pioneiro de tornar a EPM-CELP a primeira escola fora de Portugal a integrar um Centro Ciência Viva.

“A Escola Portuguesa de Moçambique é um exemplo muito claro de sucesso. E não é apenas o sucesso medido pelas boas notas dos alunos. É também o impacto que esta escola tem no futuro de Moçambique”, afirmou Ana Isabel Xavier, sublinhando que a instituição “não serve apenas a comunidade portuguesa. É uma escola aberta ao país em que se insere”. Dirigindo-se aos jovens, deixou um desafio: “É aqui que começa o vosso processo para se tornarem líderes do mundo”.

O Melhor de Portugal e da Cooperação

O reconhecimento da excelência continuou com o Embaixador de Portugal, Jorge Monteiro, ao entregar o Prémio de Mérito Social e Coletivo ao grupo Unidos pelo Ambiente (UPA). O diplomata reiterou que na EPM-CELP se encontra “o melhor de nós, o melhor de Portugal”, definindo o percurso de 26 anos como um reflexo do “ADN da política portuguesa, que é a cooperação”.

Arte e Memória em Palco

A celebração fundiu-se com a arte em momentos de elevada carga simbólica. A música fez-se ouvir através de interpretações de temas dos Napa e de Pedro Abrunhosa, enquanto a literatura de José Craveirinha ganhou corpo numa dramatização coreografada do poema “Xigubo”, apresentada por alunos da

Escola Secundária Estrela Vermelha. O ritmo de Dilon Djindji foi também evocado numa atuação vibrante do Grupo de Dança do Desporto Escolar.

Testemunhos de uma “Tutora de Vida”

A marca indelével da Escola foi testemunhada por Yuri Damasceno, ex-aluno e atual doutorando em Astrofísica, que descreveu a EPM-CELP como uma “grande tutora da vida”. “Foi nessa escola que descobri o gosto pela física e pela matemática. Ensinou-me a formar opiniões e a respeitar os outros”, recordou, incentivando os atuais alunos a criarem memórias eternas.

As celebrações encerraram-se em apoteose com o Hino da EPM-CELP, entoado por toda a comunidade no átrio da Escola, seguido de um Porto de Honra que selou o sentimento de pertença e missão cumprida.

Exemplos que nos inspiram



Mural de afeto Celebração coletiva de memórias e propósitos

As emoções do 26.º aniversário da EPM-CELP ficaram profundamente marcadas pelo sentimento de gratidão. Para além dos discursos institucionais que projetam o futuro, a celebração ganhou alma através de gestos simples e espontâneos. Logo no primeiro dia, a parede vermelha da cantina transfigurou-se num lugar de partilha: ali nasceu o mural “Celebrar a Escola no 26.º aniversário”.

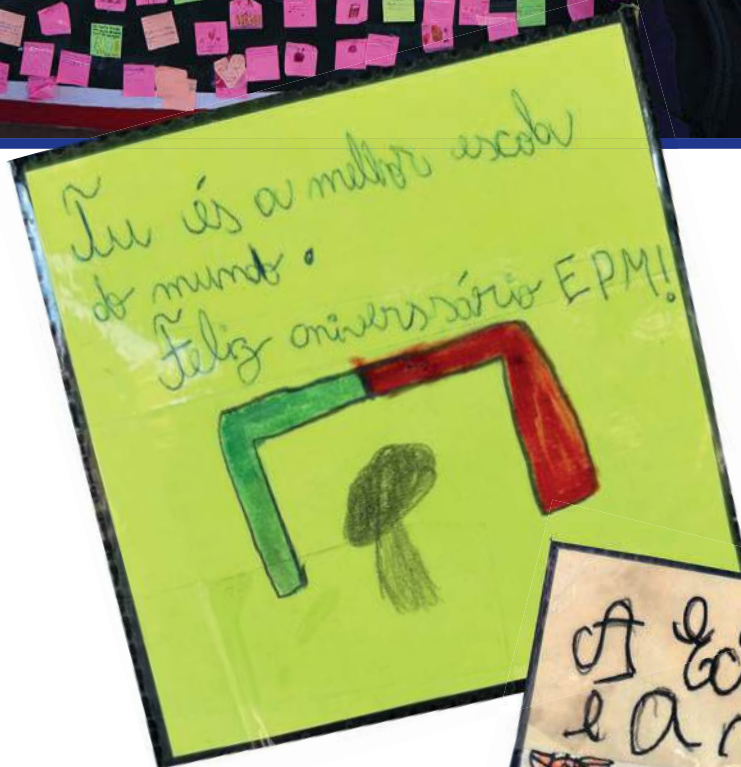
Sem guiões ou solenidades, o mural cresceu como um organismo vivo. Camadas de papéis coloridos — verdes, rosas, amarelos e laranja — cobriram a parede com uma tapeçaria de caligrafias e afetos. Entre desenhos, corações e estrelas, leram-se mensagens que falavam de felicidade, sonhos por cumprir e, acima de tudo, do orgulho de pertencer. Alunos de vários ciclos deixaram o seu traço, agradecendo aos professores ou simplesmente celebrando o prazer de “estar aqui”.

Este mural tornou-se o

retrato fiel do que sustenta o quotidiano da instituição: uma formação holística baseada no cuidado e no pulsar de uma escola viva e aberta ao mundo. Foi um mosaico de memórias, unindo gerações atuais a todos aqueles que já passaram por estas salas.

A importância deste percurso foi selada na sessão solene, onde se ouviram expressões como “escola de sucesso”, “escola aberta” e “o melhor de Portugal”. Palavras proferidas pela Secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Ana Isabel Xavier, e pelo Embaixador de Portugal em Moçambique,

Jorge Monteiro. Ao associarem-se a este espírito de celebração, as entidades reconheceram a consistência de uma missão que, há mais de duas décadas, se afirma como uma ponte de diálogo entre culturas e saberes.



Mabuko Ya Hina 16 Anos a “Semear” Futuro através da Leitura



No seio das celebrações do 26.º aniversário da EPM-CELP, a cooperação ganhou um rosto de especial relevância com a celebração dos 16 anos do Projeto *Mabuko Ya Hina*. Este projeto afirmou-se como um eixo estruturante das festividades, sendo reconhecido como uma iniciativa que tem enriquecido profundamente o espaço educativo moçambicano ao valorizar a leitura, a escrita e o acesso democrático ao conhecimento.

São 16 anos dedicados a “semear futuro” e a abrir portas, transformando o ato de ler num gesto de dignidade e de liberdade. Nos diversos testemunhos que assinalaram este marco, o projeto foi descrito como o exemplo claro de como a cooperação se faz de ações concretas, com impacto real nas comunidades e na vida dos estudantes.

Através de uma metáfora que ecoou durante as cerimónias, o “*Mabuko Ya Hina*” foi celebrado como “uma árvore que cresce devagar, mas cresce sempre, de raízes profundas e com ramos que tocam cada vez mais longe”. Este aniversário reforça a missão do projeto enquanto ponte cultural e ferramenta essencial de capacitação, consolidando a EPM-CELP não apenas como um centro de ensino, mas como um motor de desenvolvimento social e literário em Moçambique.



Projeto “MÃOS

10 anos de compromisso

A Escola Portuguesa de Moçambique (EPM-CELP) transformou o seu recinto num vibrante laboratório de experiências e de criatividade durante a última semana de janeiro. O evento serviu um propósito duplo: celebrar os 26 anos da instituição e assinalar a primeira década do projeto “Mãos na Ciência – Clube Ciência Viva na Escola (MnaC-CCVnE)”, uma iniciativa que converteu diversos espaços escolares em palcos de descoberta e curiosidade científica.

Durante uma semana, alunos, professores, funcionários e famílias puderam usufruir de uma programação interdisciplinar onde a ciência aliou-se às artes e à literatura. Através de oficinas e exposições, foi possível apreender a relevância do projeto Mãos na Ciência – Clube Ciência Viva na Escola (MnaC-CCVnE) na formação dos estudantes, aproximando a teoria da prática forma envolvente e sensorial.

Implementado, pela primeira vez, no ano letivo de 2015/2016, o projeto Mãos na Ciência – Clube Ciência Viva na Escola (MnaC-CCVnE) consolidou-se, ao longo de uma década, como um pilar fundamental na formação holística dos alunos da EPM-CELP. Ao privilegiar a aprendizagem ativa, o projeto capacita os alunos para os desafios do século XXI, enquanto oferece aos docentes uma plataforma para implementar metodologias inovadoras e estimular o pensamento crítico dos discentes.

O caráter inclusivo das celebrações foi reforçado pela presença ativa dos encarregados de educação, sublinhando que o conhecimento científico é uma construção coletiva. A direção da escola reiterou a intenção de expandir este modelo de sucesso, promovendo a cooperação

com as comunidades e escolas vizinhas. Para a EPM-CELP, estes dez anos representam não apenas um percurso de êxito, mas a renovação da promessa de continuar a promover a curiosidade científica, a experimentação e, naturalmente, o conhecimento científico, como linhas mestras no processo educativo que diariamente promove.

Ciência que se vive, se toca e se experimenta

Ao longo dessa semana, a escola foi um laboratório vivo, com exposições, sessões interativas, experiências sensoriais, cinema científico, demonstrações de robótica, atividades ambientais e artísticas, distribuídas por diferentes espaços do recinto escolar.

Entre as iniciativas em destaque estiveram a exposição “TOP10 dos Brinquedos Científicos”, o “Painel da Ciência”, o “Quiz Científico Ambiental”, sessões no Planetário, experiências de Cinema 360°, atividades de robótica, exposições de minerais e macroinvertebrados, bem

como ações ligadas à proteção dos oceanos, no âmbito do projeto Escola Azul.

A dimensão artística marcou presença, através de exposições na Galeria Alquimia das Artes, de projeções de curtas-metragens e de atividades visuais para os mais novos. “Os trabalhos apresentados na exposição resultaram de um trabalho desenvolvido na disciplina de Desenho, com os alunos do 12.ºA3, centrado na exploração do perfume enquanto objeto sensorial, cultural e visual. Partindo da escolha individual de uma fragância, cada aluno realizou uma pesquisa aprofundada sobre o design e o significado do frasco, bem como sobre a pirâmide olfativa, analisando as notas de topo, de coração e de fundo que constroem a identidade de cada perfume”, lê-se na nota de apresentação. O estudo incluiu ainda a investigação de marcas de referência da perfumaria contemporânea, como Hugo Boss, Chanel, Givenchy, Dolce & Gabbana e Jean Paul Gaultier, permitindo compreender o perfume como um objeto onde convergem linguagem visual, narrativa simbólica e estratégia de marca.





S NA CIÊNCIA”

com a inovação pedagógica

Um museu de ciência dentro da escola

Outro ponto fundamental das celebrações foi a sala multissintética, um espaço em contínuo desenvolvimento, e que funciona como um verdadeiro museu científico escolar. Nuno Ferreira, professor de Físico-Química, explicou que o espaço nasceu da necessidade de tornar o ensino mais apelativo: “Era uma sala que usávamos apenas para passar vídeos. Decidimos transformá-la num espaço diferente, quase como um pequeno cinema, e começamos a construir módulos didáticos de ciência para ficarem aqui na escola”. Atualmente, a sala dispõe de vários módulos interativos, utilizados por turmas de diferentes níveis de ensino. E a ideia é simples: “termos o nosso próprio museu, com experiências montadas, para que possamos tirar os alunos das salas tradicionais e fazer aulas mais dinâmicas, mais divertidas e mais apelativas”.

Ainda de acordo com o docente, no âmbito da celebração dos 10 anos do projeto, decorreram cerca de 20 atividades diferentes, incluindo sessões no planetário, observação do céu de Maputo, exposições científicas, filmes educativos e atividades interdisciplinares. “Recebemos vídeos do Planetário do Porto, que é nosso parceiro, temos exposições de brinquedos científicos construídos pelos alunos e atividades ligadas à luz e à cor”, explicou. Para o professor Nuno Ferreira, o grande objetivo do projeto é democratizar o acesso à ciência.

Helena Correia, professora de Físico-Química e coordenadora das Mãos na Ciência – Clube Ciência Viva na Escola (MnaC-CCVnE), faz um balanço de uma década de existência: “Ao longo destes últimos 10 anos, as Mãos na Ciência – Clube Ciência Viva na Escola (MnaC-CCVnE) foram crescendo de forma consistente e natural dentro da escola, passando de um conjunto de atividades mais pontuais para uma

estrutura reconhecida e integrada no quotidiano escolar. Foram-se criando rotinas, espaços, parcerias e oportunidades que permitiram levar a ciência a alunos de diferentes idades, sempre com uma forte componente prática, experimental e participativa. Este percurso fez-se com adaptação contínua, aprendizagem ao longo do caminho e um envolvimento cada vez maior de alunos, professores e restantes elementos da comunidade educativa, mantendo uma presença ativa e visível através da página dedicada às MnaC (<https://www.epmcelp.edu.mz/index.php/oferta-educativa/projectos-perman/maos-na-ciencia>).

Importa ainda sublinhar a dimensão de abertura à comunidade, permitindo que escolas públicas moçambicanas tenham acesso a recursos e atividades científicas como o Planetário, a sala “Física do Dia-a-Dia” e a Sala da Luz e da Cor. Esta partilha reforça o impacto educativo e social do projeto, alargando oportunidades de contacto com a ciência a um número crescente de alunos e contribuindo para a valorização da literacia científica. Globalmente, o balanço é muito positivo: as MnaC-CCVnE afirmaram-se como uma mais-valia clara para a formação dos alunos e para a identidade da escola, consolidando um percurso de crescimento, colaboração e sustentabilidade.”



Exposição

“Da Luz à Cor: Quando a Ciência Inspira a Arte”



A Galeria Alquimia das Artes acolheu a exposição “Da Luz à Cor: Quando a Ciência Inspira a Arte”, uma iniciativa que transformou a aprendizagem teórica numa experiência estética vibrante.

Reunindo trabalhos dos alunos do 6.º ano da Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa, realizados no âmbito da disciplina de Educação Visual, a mostra demonstrou como o conhecimento e rigor científico podem potenciar a expressão artística.

O processo criativo teve início na Sala da Luz e da Cor, onde, sob a orientação do professor de Ciências Físico-Químicas, Nuno Ferreira, os alunos exploraram, de forma prática, o comportamento da luz e os princípios fundamentais da teoria da cor. Esta base científica permitiu-lhes compreender que a cor é, simultaneamente, um fenómeno físico e

uma ferramenta expressiva.

Munidos deste conhecimento, os jovens artistas dividiram-se em diferentes frentes de exploração: as turmas orientadas pela professora Sara Teixeira mergulharam no universo de Vincent van Gogh, recriando obras emblemáticas através de contrastes e texturas que desafiavam a perceção visual. Paralelamente, sob a tutela da professora Joana Borges, o foco recaiu sobre a reinterpretção de “O Cão e as Figuras ao Sol”, de Joan Miró, e nas composições equilibradas de Paul Klee, onde o estudo das cores quentes, frias e neutras serviu para construir ambientes visuais harmoniosos. Ao cruzar a física com a pintura, a exposição, que esteve patente no Espaço Mãos na Ciência, entre 16 e 22 de janeiro, reafirmou a cor não como um adorno, mas como o resultado de um olhar atento e investigador sobre o mundo que nos rodeia.



Uma escola que regressa para se reinventar

Para além do espaço de ensino, 26 anos depois, a EPM-CELP afirma-se como um território de encontro entre histórias, culturas e projetos educativos. Para Jorge Ferrão – antigo ministro da Educação e Desenvolvimento Humano (2015 a 2016) e atual reitor da Universidade Pedagógica - a EPM-CELP não se limita à excelência interna, mas dialoga com o país e reinventa-se continuamente como referência viva no sistema educativo moçambicano.

Celebrando os 26 anos da EPM-CELP, como avalia o contributo histórico desta instituição na formação de quadros moçambicanos e na consolidação da cooperação bilateral entre Moçambique e Portugal?

Queria colocar, eventualmente, uma perspetiva mais sociológica e educacional, se assim posso dizer. A existência de escolas portuguesas num espaço onde Portugal já teve

escolas oficiais, elementares e rudimentares, é também uma forma de dar corpo a um projeto de cooperação. Para muitos dos nossos países [africanos], isso significou o resgate de uma escola que foi oficialmente substituída a partir de 1975 e que, entretanto, Portugal volta a trazer com o seu currículo, retomando aqui um processo de formação inicialmente muito direcionado para os filhos de portugueses residentes e,

depois, também para outros alunos.

Tenho a indicação de que esta escola é, verdadeiramente, internacional, com uma multiplicidade de nacionalidades, mas com um currículo que permite, depois, o acesso às universidades portuguesas e, consequentemente, a outras instituições na Europa. Vejo esta escola portuguesa também como uma espécie de reencarnação de um ensino multifacetado, porque não se



trata de uma escola simplesmente ancorada – se me permitem a expressão – num currículo estritamente português. Trata-se antes de um currículo mais amplo, que permite a incorporação de outras matérias, de outras visões e, convenhamos, de outras formas culturais de apreensão de valores educativos.

A Escola Portuguesa teve a oportunidade de se consolidar ao longo destes anos e foi também ela que permitiu que outras nacionalidades criassem as suas próprias escolas. Funciona, de certo modo, como a génese da presença de uma escola francesa em Moçambique, de uma escola americana, de uma escola sueca e, posteriormente, desta proliferação de escolas privadas que hoje existe. No momento em que foi criada, a escola também bebeu um pouco daquilo que seria uma das melhores referências de ensino após a independência: a escola internacional, concebida para servir os filhos de estrangeiros, entre outros.

Não teria como, a partir de números, fazer uma avaliação taxativa do percurso da escola, mas sei que ela se transformou numa das escolas de referência em Moçambique. Primeiro, porque conta com um conjunto de professores dedicados. Ao terem um salário

razoável e ao trabalharem com turmas cujo rácio professor-aluno se enquadra no que é pedagogicamente aceitável e recomendável, estes docentes encontram condições que dão à escola todo o respaldo para ser bem-sucedida. Esperamos que continue o seu percurso e que possa permanecer como uma referência que ajude a iluminar o caminho.

Nestes 26 anos, a EPM – CELP decidiu atribuir aos seus principais espaços culturais os nomes de Malangatana (ala das Artes Visuais), José Craveirinha (biblioteca), Dilon Djindji (música) e Carlos Paredes (auditório). Que significado pedagógico pode ter, para uma escola, assumir referências artísticas como parte da sua identidade institucional?

Vou falar da forma como esta escola se integra na sociedade moçambicana e como consegue sair de si própria para apoiar as restantes escolas moçambicanas. Existe um projeto de biblioteca [*"Mabuko Ya Hina"*] que, muitas vezes, sai em caixas com livros, e desloca-se a algumas escolas da periferia – não tantas como seria desejável, mas cumpre essa responsabilidade social e institucional – para apoios.

Por outro lado, temos

uma universidade [Universidade Pedagógica] cuja vocação e missão é a formação de professores. Criada há cerca de 40 anos, esta instituição tem sido um espaço importante de preparação docente. Muitas vezes, os nossos professores não esperaram por um acordo formal de parceria para irem à Escola Portuguesa realizar estágios, aprender com as suas experiências e, eventualmente, alguns serem também ali contratados para trabalhar.

Isto permite aquilo que todas as nossas escolas deveriam fazer: manter uma ligação direta com uma instituição de ensino superior, particularmente com faculdades de educação que, do ponto de vista pedagógico, estão estruturadas para trabalhar no desenvolvimento curricular e também nos aspetos da didática. Quando se forma um professor, o pressuposto básico é responder à pergunta: como devo ensinar? E é precisamente esse exercício, feito em articulação com escolas mais estruturadas, que muitas vezes tem faltado no nosso ensino.

Do ponto de vista cultural, a Escola Portuguesa também conseguiu fazer uma inserção relevante, aproximando-se da cultura local. Vejo uma preocupação em assimilar elementos da literatura moçambicana, da música moçambicana, e em cruzar esses valores culturais com alguns portugueses e de outras partes do mundo, como seria natural num contexto desta natureza.

Vejo ainda a escola como um espaço importante de promoção do desporto escolar. Em suma, é uma escola integral, porque não cuida apenas dos processos de ensino-aprendizagem, mas também da formação global dos estudantes, oferecendo-lhes uma componente cultural, uma componente desportiva e uma componente de cidadania. E isso é fundamental para qualquer projeto educativo.

Figuras como José Craveirinha, Malangatana ou Carlos Paredes construíram, através da sua obra, narrativas profundas sobre identidade, memória e liberdade. Que lições educativas continuam a oferecer às novas gerações?

Há um aspeto de que me queria recordar e que talvez valha mais a pena mencionar do que voltar a uma resposta demasiado complexa. Em 2015, tomámos uma decisão, ao nível do Ministério [da Educação e Desenvolvimento Humano], de permitir que esta escola pudesse funcionar também na cidade da Matola, como um desdobramento da existente em Maputo. Devem ter

existido razões muito fortes, sobretudo de natureza económica, que não permitiram que isso se concretizasse como havia sido inicialmente planificado.

Ainda assim, o plano sempre contemplou a possibilidade de expansão para outros centros populacionais e outras cidades, como Beira e Nampula, levando também a essas cidades esta experiência educativa.

O importante, neste processo, é perceber que, ao sair de Maputo e ao instalar-se, por exemplo, na Beira, a escola terá necessariamente de reconfigurar alguns dos seus próprios valores e práticas, em função de uma operação que passa a decorrer num espaço geográfico e social diferente.

Em Nampula, a escola também vai incorporar novos elementos que eventualmente não existem em Maputo. Isso permitirá que a escola seja continuamente reavaliada e desafiada a refletir sobre novos valores, em função dos nossos contextos culturais e geográficos. Aqui, a escola tem a oportunidade de trocar experiências com o resto do país, o que lhe permite manter a sua identidade como escola portuguesa, mas, paralelamente, consolidar-se como uma escola moçambicana de referência.

Pelo horizonte daqueles que criaram e querem manter a escola aqui, trata-se de um projeto educativo capaz de inspirar outras escolas a seguir padrões semelhantes. É nesse ponto que se abre aquela discussão recorrente sobre a educação em Moçambique: Por que não criamos escolas-modelo, escolas de referência, que pudessem servir de impulso para as restantes?

Sempre tivemos visões diferentes sobre isso, e essas visões passavam por nunca dar privilégio a uns em detrimento de outros, ou de uma maioria. A Escola Portuguesa levou-nos a refletir exatamente sobre esta questão. As outras escolas são, em grande parte, muito localizadas, concentradas na cidade-capital. Já a Escola Portuguesa, ao expandir-se, será confrontada com desafios de tempo e espaço – e também desafios didáticos e pedagógicos. Este é um ponto que considero importante salientar.

A educação contemporânea tem discutido, cada vez mais, a ideia de pertença. Até que ponto uma escola internacional ou estrangeira, inserida num território específico, deve refletir culturalmente o país onde está?

Neste percurso de 26 anos, a escola, ao evoluir e se autodesafiar num novo espaço geográfico e físico, vai recriar o próprio sentido da sua existência, tornando-se diferente e transformando-se numa escola-farol – uma escola que poderá apoiar e inspirar essas regiões. Valorizo muito este aspeto, mas valorizo também que a escola nunca deixe de se reintegrar no espaço onde opera.

Se a escola decidir criar uma “ilha” dentro de si própria, talvez perca a sua razão de existir. Só pode funcionar de forma orgânica se estiver inserida na realidade em que atua e servir aqueles estudantes. E, mais importante, a qualidade das crianças, adolescentes e jovens que ela forma deve também criar oportunidades para os colegas que não têm o mesmo acesso.

Ou seja, não se trata apenas de ter o privilégio de estar numa escola melhor, mas de poder ajudar, partilhando experiências que outros possam levar para as suas próprias escolas. Os nossos desafios são grandes e mesmo que a Escola Portuguesa estivesse a funcionar em todo o país, dificilmente poderia abranger mais de 1% ou 2% do universo educativo que temos.

Moçambique deve ter, neste momento, perto de 10 milhões de crianças na escola, distribuídas pelo ensino inicial, primário, secundário e pré-universitário. Gerir 10 milhões de estudantes num sistema educativo

não é um desafio que caiba a uma, duas ou três cabeças. É um desafio que envolve o país inteiro.

Infelizmente, ao longo de 50 anos de independência do país, não se concentrou a atenção necessária para gerir de forma estruturada todo o processo de ensino-aprendizagem, organizado como uma curva de conhecimento. Essa curva significa que se aprende o essencial – ler e escrever – para poder pensar melhor e tomar decisões, mas também para se inserir na sociedade como cidadão. Os comportamentos individuais impactam os irmãos, os pais e, consequentemente, toda a comunidade.

É assim que se mudam percepções sobre temas como casamento prematuro ou atitudes sociais, por exemplo. A educação funciona, em grande parte, como esse fator transformador de gerações, capaz de construir um país melhor.

No contexto moçambicano, muitas vezes, a arte é tratada como complemento no currículo escolar. Até que ponto a criação artística pode ser entendida como instrumento central fundamental na formação crítica dos alunos?

Não sei se a arte é colocada num nível de prioridade ou, pelo contrário, num nível negligenciado. Acho que temos um talento natural para o exercício da arte de forma contínua. No entanto, não vivemos isolados do mundo, e muitas vezes sentimos



que há demasiada interferência de correntes artísticas externas.

Se sintonizarmos as rádios, 50%, 60%, 70% da música que ouvimos é de Angola ou de Cabo Verde. Até há pouco tempo, se olhássemos para os livros, recebíamos muitos títulos do exterior, por vezes em excesso, porque os nossos próprios livros continuam caros de produzir. E se observamos a dança, por exemplo, é comum as crianças aprenderem estilos como o Amapiano do país vizinho, esquecendo manifestações locais.

Essa teia de interseções culturais, por um lado, não nos deixa isolados do mundo, mas, por outro, tem um grande impacto sobre a preservação dos nossos valores culturais. Qualquer criança aqui conhece 50 Cent, mas eu demorei anos para entender que o nome não se referia ao dinheiro, mas sim a um cantor. Mas por que se chama 50 Cent? Não podia ser Roger, Isaac, Ibrahim ou Abdul? Não, é 50 Cent, como moeda.

As escolas, os jovens e os adolescentes não escolhem conscientemente os modelos culturais que adotam; eles são continuamente influenciados pela imersão em novos valores que a modernidade propicia. Se antes era a Rádio Moçambique que moldava o que ouvíamos, hoje são podcasts, videocasts e televisões que transformaram completamente a nossa forma de viver e de perceber o mundo.

Então, recorrendo à nossa cultura – ou, podemos dizer, à nossa cultura “transvestida”, de certa forma – vemos que ela sofreu mutações. Essas transformações permitem que façamos parte do mundo, mas também nos levam a refletir: fazemos parte do mundo ou queremos permanecer como detentores exclusivos daquilo que é nosso, acreditando que esse é o melhor caminho?

Mesmo os nossos principais cantores refletem essa interseção de valores culturais com outros artistas. Há um género de música cantado pelo Zico, o Pandza. Um dia, Zico disse: “Por que você sempre escreve sobre os outros e nunca escreve sobre mim, sobre Pandza?” Respondi que nunca soube de onde tinha vindo o ritmo, e ele disse: “Não, eu criei”.

Se compararmos a base dessa música com o soundtrack de muitas sul-africanas, nota-se claramente uma grande interseção: a “arritmia”, a melodia, as batidas são muito características da África do Sul. Eu gosto da nossa música. Não sou grande fã de música sul-africana, mas gosto muito de Pandza

para momentos de convívio familiar. Sozinho, em casa, não seria algo que eu colocaria para ouvir regularmente, porque não tem ritmo nem mensagem relevante para mim.

A educação artística poderia evitar esse tipo de constrangimentos. Zico, por exemplo, considera-se criador de um estilo musical que já existe há anos.

Por esses dias, no âmbito dos 50 anos da independência, demos muitas entrevistas, e cada um era convidado a falar sobre a celebração. Eu cheguei à independência com 14 anos, já no liceu, e presenciei muitas mudanças.

Um dos primeiros problemas que surgiram no ensino pós-independência estava ligado ao ditado: o professor chegava, falava e ditava, e nós escrevamos. Isso foi retirado. Depois, focava-se muito na ortografia, horas e horas de escola apenas para aprender a desenhar bem as letras. Depois disseram aos alunos: “Não vamos gastar tempo com isso. Escrevam só. O importante é saber escrever, não se preocupem se fica bonito”.

E, progressivamente, começámos a suprimir até mesmo a tabuada. “Mas, para quê a tabuada? A cabeça não é para decorar”, diziam.

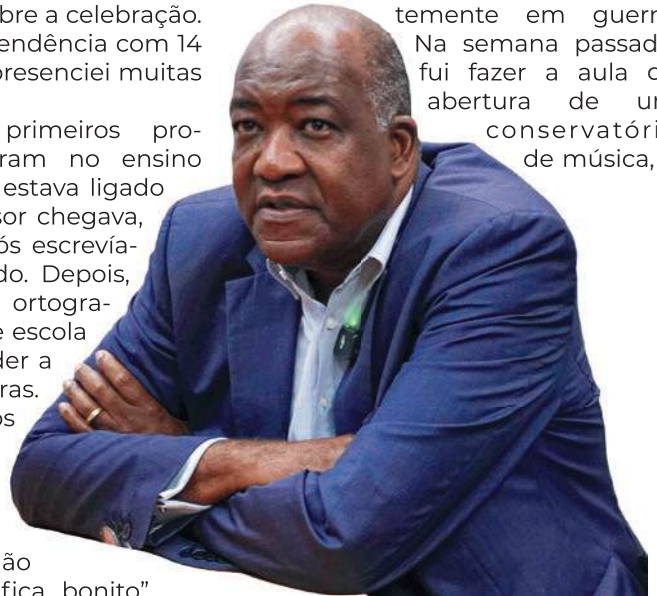
Esses três elementos – ditado, ortografia excessiva e tabuada – foram suprimidos do sistema, e isso debilitou bastante a nossa capacidade de progredir no ensino. Foi o início de muitas mudanças, mas que nunca tiveram um estudo prévio para avaliar quais seriam as consequências. Hoje a situação é difícil. A educação está muito mal.

De vez em quando, publico um pequeno trecho sobre educação, e a pergunta que deixo no final é sempre: onde é que nos perdemos? É necessário regressar àqueles fundamentos todos para perceber que eliminar certas etapas teria consequências. O nosso país sempre foi, de certa forma, um país que queimou etapas, e isso fica bem evidenciado. Desde 1975, algo que deveria ser feito em 10 anos, sempre se pensou que seria possível fazer de imediato.

Queimámos várias etapas, e essa pressa impediu a consolidação dos nossos processos de desenvolvimento. Lembro-me como se fosse hoje de ouvir falar num “plano prospetivo indicativo”. Mal sabia bem o que significava, era uma linguagem muito política. Fomos à procura desse plano e vimos que

havia boa intenção, mas depois pouco se concretizou. Depois ouvi falar num plano de 30 mil ou 36 mil hectares, com a ideia de transformar áreas em zonas agrícolas e urbanas, mas nunca avançou. Em paralelo, começou o processo da guerra, e esse conflito com o qual convivemos desde o período pós-independência tem sido, de facto, o nosso principal calcanhar de Aquiles.

Nós não temos períodos de paz; vivemos permanentemente em guerra. Na semana passada, fui fazer a aula de abertura de um conservatório de música, o



MUSIARTE, e confesso que fiquei muito triste. O conservatório pertence à Stella Mendonça. É um espaço onde se aprende a ler música, a trabalhar a clave de sol e todo o processo de notação musical. Antes, funcionava num antigo armazém do Ministério da Educação. O Ministério poderia ter aproveitado aquele projeto para integrá-lo nos institutos de formação de professores, valorizando um conservatório já criado e oferecido gratuitamente.

Se tivesse de definir o maior desafio da Escola Portuguesa de Moçambique para os próximos 25 anos, para que continue a ser um pilar relevante no sistema educativo nacional, qual seria?

A escola deve, de forma contínua, sair do seu espaço e interagir com outros contextos. Não deve assumir uma postura autoritária sobre o sistema, mas sim uma atuação colaborativa. Tem igualmente a responsabilidade de contribuir para a formação dos muitos professores que integram o sistema educativo nacional.

Esta é também a perspetiva que sustenta a autorização e a permanência de uma escola que, não sendo pública nem estando diretamente subordinada à orientação do Ministério, funciona no nosso espaço – e tem funcionado muito bem.

16 anos a semear futuros através da leitura



Em março de 2010, nascia sob a égide da Escola Portuguesa de Moçambique (EPM-CELP) um projeto que viria a redefinir as dinâmicas de acesso ao livro e à cultura nas escolas moçambicanas: o *Mabuko Ya Hina* ("Os Nossos Livros"). Hoje, ao assinalarmos 16 anos de existência, olhamos para um percurso de resistência, cooperação e profunda transformação pedagógica.

O projeto surgiu de um compromisso diplomático e educativo entre Portugal e Moçambique, formalizado num protocolo que visava combater a escassez de material bibliográfico e promover competências de literacia. O que começou com a instalação da primeira biblioteca na Escola Primária Completa Polana Caniço "A" e a distribuição das primeiras dez "Maletas de Leitura", floresceu numa rede de solidariedade que hoje alcança, entre outras, províncias como Maputo, Gaza, Inhambane, Sofala e Nampula.

Um Legado em Números e Afetos. Ao longo desta década e meia, o *Mabuko Ya Hina* não se limitou a entregar livros; construiu comunidades de leitores. Atualmente, a estrutura orgânica do projeto sustenta cerca de 10 bibliotecas escolares fixas e 51 bibliotecas móveis (Maletas de Leitura). Estas maletas são verdadeiros "tesouros itinerantes" que permitem que o livro chegue a contextos onde a infraestrutura física ainda é um desafio, garantindo que o direito à leitura não seja um privilégio, mas uma realidade acessível.

A Escrita como Identidade

Um dos pilares mais inovadores do projeto tem sido a produção de edições próprias. Através de oficinas de escrita e ilustração, o *Mabuko Ya Hina* deu voz aos alunos moçambicanos. Títulos emblemáticos como "*Mi Karingana Ya Hina*" (As Nossas Histórias) e a recente adaptação "*A Maior Flor de Moçambique*" demonstram que o projeto cumpre a sua missão máxima: transformar o aluno de recetor passivo em autor da sua própria narrativa.

Formação e Sustentabilidade

O sucesso destes 16 anos reside também na formação contínua de professores e bibliotecários. O projeto capacitou centenas de agentes educativos na dinamização de bibliotecas e em técnicas de mediação de leitura, assegurando que o impacto do projeto seja sustentável e enraizado na cultura local.

Ao celebrarmos este aniversário, reafirmamos o *Mabuko Ya Hina* como uma "ponte de saber" inabalável. Mais do que um projeto escolar, é uma declaração de fé no poder emancipador da palavra. Que venham mais 15 anos a folhear o futuro.



EPM-CELP doa cerca de 400 quilogramas de produtos e roupa a vítimas das cheias

A campanha solidária promovida pela Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), em parceria com a associação estudantil Unidos Pelo Ambiente (UPA), resultou na doação de cerca de 400 quilogramas de produtos não perecíveis e dezenas de sacolas de roupa, destinados a famílias afetadas pelas chuvas intensas e inundações nas últimas semanas de janeiro.

Os donativos foram entregues, na manhã do dia 6 de fevereiro à Associação Voluntários Anónimos de Moçambique (VAMOZ) e à Ação Comunitária para a Transformação, Unidade e Apoio (ACTUA), duas organizações que desenvolvem ações de apoio humanitário em comunidades vulneráveis. As associações foram representadas por Cristina Nogueira, antiga aluna da EPM-CELP.

De acordo com Cristina Nogueira, os produtos recolhidos pela escola, pelos alunos e pelos encarregados de educação serão distribuídos em duas frentes. “A roupa será atribuída à ACTUA, um movimento orgânico de moradores

da Polana Caniço, bairro onde a escola está inserida, que desenvolve projetos comunitários junto das populações mais desfavorecidas da zona”, explicou.

Segundo a representante, vários quarteirões da Polana Caniço, nomeadamente os 53, 54 e 4A, foram severamente afetados pelas cheias. “Houve casas inundadas e muitas famílias perderam bens. Esta roupa será entregue diretamente a essas famílias circunvizinhas da escola”, acrescentou.

Já os produtos alimentares ficarão a cargo da VAMOZ, um movimento social criado no contexto do ciclone Idai. “A VAMOZ irá distribuir parte dos donativos no Chamanculo e a maior parte da comida seguirá para comunidades da zona da Maragra, entre a Manhiça e Marracuene, que ficaram completamente submersas e sem qualquer tipo de apoio”, referiu Cristina Nogueira.

Questionada sobre o número de beneficiários, Cristina afirmou que o pedido de apoio recebido pela VAMOZ para a zona da Maragra aponta para cerca de mil pessoas.

Alunos lançaram iniciativa própria para reforçar bibliotecas escolares na Ponta do Ouro e Polana Caniço

O projeto distinguiu-se pelo seu caráter orgânico, tendo sido idealizado e organizado inteiramente pelos estudantes. Conscientes das barreiras que milhares de jovens moçambicanos enfrentam no acesso a materiais de leitura, os alunos do 8.º D conferiram ao gesto solidário a missão de combater o insucesso escolar e promover o gosto pelo conhecimento. “Estes alunos também merecem a oportunidade de ler, aprender e ter um ensino melhor”, defenderam os jovens promotores da iniciativa.

A campanha apelou à generosidade de toda a comunidade educativa, aceitando doações que abrangeram diversos géneros literários e níveis de ensino, tais como literatura infantil e juvenil, manuais escolares e obras de interesse geral. Com esta ação, a turma provou que a cidadania também se exercita lendo sobre o mundo e ajudando outros a ler também.



Alunos do 4.º ano apoiam instituições Locais

Projeto iniciado em 2022 consolida-se na rotina escolar, culminando em mais uma importante entrega de bens a instituições moçambicanas. Trata-se da iniciativa “Ser Solidário” que continua a dar frutos e a moldar o caráter dos alunos da nossa escola. Num dos momentos altos deste ano letivo, os alunos do 1.º ciclo concretizaram a entrega dos bens angariados a favor do Projeto “Esperança-Moçambique” e da Associação Capulana de Nvinduane, reafirmando o compromisso da comunidade escolar com o apoio social.

Esta iniciativa carrega um simbolismo especial: os alunos que agora lideram estas entregas como finalistas do 4.º ano são os mesmos que viram o projeto nascer, ainda no 1.º ano (2022-2023), como um projeto-piloto e que hoje é uma tradição enraizada, provando que a solidariedade na EPM-CELP não é um gesto isolado, mas um percurso de crescimento para as crianças.





EPM-CELP e Fundação AJC uniram Esforços de apoio a Crianças de Cabo Delgado

Em parceria com a Fundação Alberto Joaquim Chipande, a Escola Portuguesa de Moçambique, centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) garantiu material escolar essencial para o arranque do ano letivo de 870 alunos, do distrito de Metuge, em Cabo Delgado.

A solidariedade e a cooperação, pilares fundamentais da EPM-CELP, materializaram-se em mais uma ação de impacto direto no terreno. Num gesto que uniu Maputo ao Norte do país, a instituição procedeu à entrega de centenas de kits escolares destinados à Escola Primária de *Ngalane*, em Cabo Delgado, assegurando que o contexto de vulnerabilidade não impeça o acesso à aprendizagem.

A iniciativa, fruto da mobilização solidária de alunos do Pré-Escolar e do 2.º Ciclo, resultou na doação de um vasto lote de material: cadernos, estojos, lápis de cor e outros artigos essenciais que chegarão às mãos de crianças da 1.ª à 6.ª classe. O material foi entregue pela presidente da Comissão Administrativa Provisória da EPM-CELP, Luísa Antunes, à presidente da Fundação Alberto Joaquim Chipande, Hortência Chipande, aos membros da instituição e aos dois professores da

EP *Ngalane*, que se encontram em Maputo para formação em literacia em escrita criativa.

Na ocasião, Luísa Antunes sublinhou que a iniciativa se insere na própria génese da instituição. “Fomos constituídos ao abrigo de um acordo de cooperação e temos cooperado em vários níveis: na formação de professores, de técnicos bibliotecários, no equipamento de bibliotecas, na criação de maletas de leitura. E, sempre que possível, ajudamos também as escolas e associações que nos procuram, com materiais escolares que possam minimizar as dificuldades que algumas comunidades enfrentam no acesso à escola e à escolarização dos alunos moçambicanos”, explicou.

Referindo-se especificamente às crianças deslocadas pela instabilidade armada em Cabo Delgado, Luísa Antunes considerou que a solidariedade se torna ainda mais urgente. “Se já numa situação normal é difícil percebermos como é que crianças não têm acesso à escola ou condições para a frequentar, ali essa realidade é agravada pela instabilidade social que provoca a deslocação de muitas famílias. Nessas circunstâncias, ainda mais se justifica o nosso apoio”, frisou.

Uma escola que acolhe crianças deslocadas

A Escola Primária de *Ngalane* acolhe maioritariamente crianças oriundas de famílias deslocadas pela instabilidade e pelos ataques armados registados em Cabo Delgado. Muitas delas perderam os seus bens, as suas casas e, em alguns casos, familiares próximos.

Segundo a presidente da Fundação AJC, a criação da escola surgiu precisamente como resposta a essa realidade. “Depois da insurgência, vimos aquelas pessoas deslocadas, aglomeradas num único espaço, sem condições. Percebemos que, além da assistência imediata, era fundamental garantir educação e saúde”, explicou Hortência Chipande.

A responsável acrescentou que a Fundação, em parceria com outras entidades, avançou para a construção de uma escola e de um centro de saúde, como forma de devolver dignidade às comunidades afetadas. “Há crianças que perderam o pai, a mãe, e não têm qualquer meio”, sublinhou.

De tendas improvisadas a um espaço de aprendizagem

A Escola Primária de *Ngalane* encontra-se em funcionamento há cerca de três anos. Inicialmente, as aulas decorriam em tendas improvisadas, vulneráveis às chuvas e sem condições adequadas.

No terreno, o impacto da oferta da EPM-CELP será imediato. O professor da escola, Agostinho António Chicapa, afirma que a falta de material escolar é uma das principais dificuldades enfrentadas pelos alunos. “As crianças chegam muitas vezes sem caderno, sem lápis, sem uniforme. Vivem em cabanas, em condições muito difíceis”, relatou. Segundo o docente, “o apoio recebido representa uma garantia concreta para o arranque das aulas”.

No final do encontro, a Fundação Alberto Joaquim Chipande ofereceu à EPM-CELP as obras, “Como Eu Vivo a Minha História”, da autoria do General de Exército Alberto Joaquim Chipande, e “Lipondo – Terapia Surda”, de Dora Chipande, para o acervo da Biblioteca Escolar José Craveirinha, reforçando o intercâmbio cultural e educativo entre as instituições.

Curso de Inglês reforçou qualidade de comunicação e serviço na EPM-CELP



A Escola Portuguesa de Moçambique — Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) promoveu, entre 1 de outubro e 28 de novembro, o curso de formação “Inglês Funcional”, uma iniciativa, com a duração de 25 horas, dirigida sobretudo a funcionários dos serviços administrativos, PABX, Biblioteca Escolar e Centro de Recursos Educativos (CRE), mas igualmente aberta a outros interessados da comunidade escolar.

A formação foi orientada pelo formador externo Dr. Xavier Mucave, cuja condução das sessões mereceu particular reconhecimento pela qualidade demonstrada. Ao longo do curso, foram trabalhadas competências linguísticas aplicadas a situações práticas de comunicação e atendimento, respondendo às necessidades do contexto institucional.

A iniciativa revelou-se especialmente pertinente face às exigências da escola, marcada pela diversidade do público que diariamente recorre aos seus serviços.

Com esta ação, o “Inglês Funcional” reforça o compromisso da EPM-CELP com a formação contínua e a valorização profissional da sua equipa, contribuindo para um atendimento mais eficaz e para uma comunicação linguisticamente mais competente junto da comunidade escolar.

O Mundo à Distância de um Quiz: A Festa das Línguas na Nossa Escola



Nos dias 15 e 16 de dezembro, o habitual ritmo escolar deu lugar a uma vibrante celebração do multilinguismo com a realização do Quiz das Línguas Estrangeiras. Destinada aos alunos do 8.º e 9.º anos, esta iniciativa envolveu as disciplinas de Inglês, Espanhol e Francês num desafio dinâmico, onde a aplicação do conhecimento extrapolou manuais para converter-se numa competição saudável.

O objetivo da atividade foi desmistificar a complexidade na aprendizagem de novos idiomas, provando que aprender pode ser divertido. O entusiasmo foi a nota dominante: entre respostas rápidas e momentos de pura concentração, os nossos alunos deram uma lição de empenho e espírito de equipa. Mais do que testar vocabulário ou gramática, o evento foi uma oportunidade preciosa para consolidar saberes.

O sucesso desta jornada não seria possível sem a colaboração de diversos intervenientes. Os professores organizadores expressaram o seu profundo agradecimento a todos os alunos, docentes, à equipa do Centro de Recursos Educativos (CRE) e aos restantes colaboradores que tornaram esta atividade uma realidade.

A competição foi renhida e os resultados finais espelham a dedicação das turmas. No 8.º ano, o destaque foi para o 8.ºC (Inglês/Francês), que conquistou o topo com 16.926 pontos, e para o 8.ºE (Inglês/Espanhol), que brilhou com 16.367 pontos. Já no 9.º ano, os grandes vencedores foram o 9.ºC (Inglês/Francês), com uma marca de 14.810 pontos, e o 9.ºE (Inglês/Espanhol), que somou 15.520 pontos.

Docentes aprofundam inteligência emocional e expressão oral



Os docentes do Departamento de Línguas da Escola Portuguesa beneficiaram de 25 horas de formação online intitulada “Voz Criativa, Leitura Cooperativa — inteligência emocional e expressão oral diversificada”, orientada pelo formador Paulo Condessa.

A iniciativa, que teve lugar entre os dias 14 de janeiro e 20 de fevereiro, integra-se no Plano de Formação 2025-2026 da Academia do Plano Nacional das Artes, evidenciando a aposta da escola em práticas pedagógicas inovadoras e humanizadas, ajustadas aos desafios emocionais e comportamentais da realidade educativa atual.

A formação procurou dotar os docentes de instrumentos que favoreçam interações mais equilibradas entre alunos e professores.

Ao longo das sessões, os participantes exploraram estratégias que articulam literatura, leitura, escrita e expressão oral com o desenvolvimento da inteligência emocional e criativa. A ação incidiu na criação de vínculos consistentes entre docentes e discentes, na partilha dos universos interiores de cada indivíduo e na ligação entre a experiência literária e a construção da perceção do mundo, individual e coletiva.

Foram promovidas dinâmicas de grupo baseadas na cooperação, o reforço das competências empáticas e sociais e a valorização dos talentos individuais através da expressão oral e corporal. Foram ainda trabalhadas dimensões como a imaginação sensível, a autonomia percetiva, a autoavaliação e a noção de autoria, articulando expressão racional, emocional e corporal.

Um palco de literatura e artes

No seu 26.º aniversário, a EPM reafirmou, no dia 26 de janeiro, a sua missão de cooperação cultural com o lançamento e a apresentação de duas obras marcantes: “Moya e o Pequeno Gigante Solitário” e “O Menino que Girava o Mundo”. Através dos eventos que aliaram a música, o teatro e o diálogo entre autores e ilustradores, a instituição consolidou o seu papel editorial.

“Moya”, um livro feito de afetos, memória e escuta

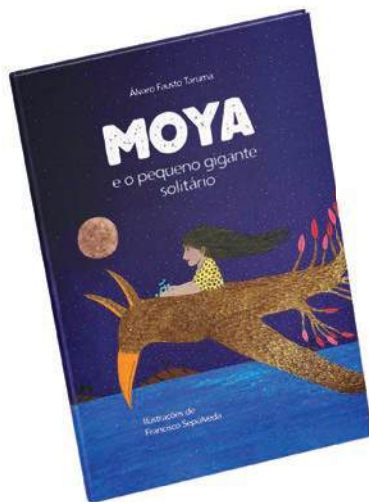
Com texto do poeta moçambicano Álvaro Fausto Taruma e ilustrações do pintor chileno Francisco Sepúlveda, o livro “Moya e o Pequeno Gigante Solitário”, foi editado pela EPM-CELP em novembro de 2025. Esta obra, que nasceu do diálogo entre a literatura, a imagem e os afetos, mais do que um livro infantil, afirma-se como um gesto de aproximação entre a Escola e a criação artística.

A apresentação esteve a cargo do jornalista e crítico literário, José dos Remédios, que destacou a natureza múltipla do autor. Para o apresentador, Álvaro Fausto Taruma é “um autor multifacetado”, alguém que encontra na palavra o seu principal território de expressão, seja na poesia, na narrativa ou no cruzamento com outras linguagens artísticas.

Na leitura que fez da obra, José dos Remédios chamou atenção para o modo como o livro aborda o “tempo”. Em “Moya e o Pequeno Gigante Solitário”, passado e presente caminham lado a lado, cruzam-se, confundem-se. “Há um jogo simbólico com o tempo, uma construção anacrônica”, observou, sublinhando que se trata de um livro que convida à reflexão sobre as relações humanas e sociais.

Antes das palavras, veio a música. O coro dos alunos do 3.º F abriu o momento, com a canção “A ciência Veio à Escola”, acompanhado pelas professoras Agnes Golias, no violino, e Leandra Reis, ao piano. Seguiu-se a leitura dramatizada, de parte da obra, pelo professor de teatro e ator, Rogério Manjate. O texto ganhou corpo, ritmo e vida própria. O público foi convidado a participar, emitindo sons da natureza, interpretando vento, água e movimento, de forma quase espontânea.

À distância, a partir do estrangeiro, o ilustrador Francisco Sepúlveda deixou uma mensagem em vídeo, projetada no átrio da



Escola. Falou da alegria do encontro criativo com Álvaro Fausto Taruma e da cumplicidade artística que marcou o processo.

Já o autor revelou que o livro emerge de três contextos muito pessoais. O primeiro tem origem na paternidade, no momento em que se tornou pai de Moya, o seu primeiro filho. O segundo está ligado à amizade que o une a Sepúlveda. “No início, ele queria que eu usasse uma gravura sua num dos meus livros, mas a poesia não dialogava com aquelas imagens. Mais tarde, quando realizou uma exposição, decidimos transformar aquelas obras em livro”, contou. O terceiro motivo é o mais íntimo de todos. Está ligado à Ilha de Inhaca, sua terra natal. O verde, o riacho, os cenários que atravessam a narrativa remetem a uma infância intensa, feita de desafios.

“O Menino que Girava o Mundo” reafirmou compromisso com a literatura juvenil

A apresentação do livro “O Menino que Girava o Mundo” combinou a escrita do autor moçambicano Benjamim Pedro João, com a arte visual da conceituada ilustradora Carmen Muianga.

O evento, especialmente direcionado aos alunos do 1.º ciclo, foi marcado por uma interpretação dramatizada da história, conduzida pelo ator Fernando Macamo. Editada originalmente pela própria EPM-CELP em junho de 2025, a obra simboliza o esforço contínuo da instituição na promoção da literacia e na valorização da produção cultural moçambicana junto das camadas mais jovens.

O Autor: Uma Trajetória Premiada.

Natural de Manica (1969), Benjamim Pedro João consolidou o seu percurso literário após licenciarse em Ciências da Educação. Com raízes na revista Tempo, o autor transita entre o conto adulto — com títulos como Miombwe e Metamorfose das Sombras — e a literatura infanto-juvenil, onde assina obras como O Príncipe Encantado e Ngano. Em 2009, o seu mérito foi reconhecido com a atribuição do Prémio Literário João Dias. Esta nova edição de O Menino que Girava o Mundo (publicado originalmente em 2006) conta com a revisão de Teresa Noronha.

A Ilustradora: Mestre das Artes Gráficas.

Carmen Muianga, figura central nas artes plásticas moçambicanas, empresta o seu traço a esta edição. Formada na Escola Nacional de Artes Visuais de Maputo, tendo-se especializado na arte visual de gravura em Havana, Cuba, Muianga possui uma vasta carreira docente e expositiva. A sua participação nesta obra reforça a confluência entre educação e estética, proposta pela EPM-CELP.

“Resiliência à Prova de Água”

O regresso às aulas na EPM-CELP após o recente período de chuvas intensas foi marcado por um sentimento renovado de resiliência. Ao contrário das memórias traumáticas das cheias de 2000 ou de episódios anteriores de alagamento severo, a escola demonstrou estar preparada. O recinto escolar, com particular destaque para a zona do edifício do Pré-Escolar — historicamente a mais vulnerável —, resistiu às ameaças das águas de forma sem precedentes.

Este cenário não foi fruto do acaso, mas sim o resultado direto de investimentos estratégicos e contínuos nos sistemas de canalização

e escoamento de águas pluviais. Embora o recinto não tenha ficado totalmente intacto perante a fúria das chuvas, a eficácia da nova infraestrutura de drenagem restringiu significativamente as limitações de circulação. Onde antes se registavam interrupções prolongadas, este ano viu-se uma recuperação célere, permitindo que as atividades letivas e o movimento da comunidade escolar fossem retomados com segurança e rapidez. É a prova de que o esforço institucional em infraestruturas é o alicerce fundamental para a estabilidade pedagógica, transformando vulnerabilidade em capacidade de resposta.





Portões da escola ganharam novo rosto com mais segurança e eficiência

A requalificação dos portões da EPM-CELP surge como um marco de modernização e eficiência, conferindo um novo rosto às portas de entrada da instituição. Mais do que uma intervenção estética, a obra responde à gestão inteligente dos fluxos de circulação. Nos momentos críticos de entrega e recolha das crianças — períodos de grande intensidade que exigem rapidez e coordenação — a nova

configuração das entradas e saídas passou a permitir uma fluidez sem precedentes, minimizando congestionamentos e garantindo que o movimento de alunos e familiares decorra com a serenidade e a ordem necessárias ao início e fim de cada jornada educativa.

Este investimento, fruto de um esforço interno contínuo e de uma gestão criteriosa, reflete a política da EPM-CELP de requalificação sistemática dos seus espaços e serviços. A intervenção visual foi acompanhada por um reforço robusto dos mecanismos de controlo, segurança e pela reorganização do atendimento aos utentes, elevando os padrões de proteção e bem-estar de toda a comunidade escolar.

Um ponto central desta modernização é a nova sinalética, que foi desenhada e implementada

para integrar os pressupostos do projeto Escola Segura. Muito mais do que meras indicações de direção, estes elementos visuais funcionam como ferramentas de prevenção e organização: definem rotas de evacuação claras, delimitam áreas de acesso restrito e orientam o comportamento preventivo dentro do recinto. Esta harmonia entre o design e a segurança permite que a sinalética seja, simultaneamente, um guia informativo e um pilar do plano de emergência da escola.

Ao otimizar o acesso e a segurança sob as diretrizes da Escola Segura, a EPM-CELP reafirma o seu compromisso com a excelência, consolidando-se como um ambiente de aprendizagem protegido, funcional e acolhedor para todos.



Tiago Coelho e o privilégio de não falhar

Convidamos Tiago Coelho, ex-aluno da FACIM e da EPM-CELP, a fazer uma retrospectiva do seu percurso académico e profissional. Dos corredores de uma Escola que o projetou para o mundo, Tiago Coelho construiu um percurso que cruza arte, tecnologia e responsabilidade social, uma trajetória que confirma, na prática, a missão da EPM-CELP, de formar cidadãos capazes de competir globalmente, sem perder o compromisso com Moçambique.

Há um momento da conversa em que Tiago Coelho interrompe a formalidade da entrevista e pergunta, quase a sorrir: “Preciso fazer poses para foto ou é natural?” A resposta é simples: natural. E esta é a palavra que melhor resume o seu percurso. Tiago cresceu, experimentou, errou, arriscou, mas sempre com a convicção de que o mundo tem as suas portas abertas para todos.

A sua história académica começa fora dos muros da EPM-CELP na Escola Primária do Triunfo, onde estudou até à 3.ª classe. Um espaço pequeno, com cerca de cem alunos, mas que, para si, era a extensão do seu primeiro mundo. “Então, saí da Escola do Triunfo para a Escola Portuguesa de Moçambique na 4.ª classe. Lembro-me que foi

impactante, pois perdi amigos. Mas também ganhei outros aqui”, recorda, enquanto recorda um percurso multicultural que moldou a sua perspectiva de vida, sobre os outros e sobre o mundo.

A nova escola, na altura localizada no recinto da FACIM (Feira Internacional de Maputo) era dez ou quinze vezes maior que a da Triunfo. Mais complexa, mais exigente, mais diversa. A integração foi natural, mas o impacto foi real. A EPM oferecia mais recursos, outra dinâmica, um ambiente multicultural. E para uma criança de oito ou nove anos de idade, a realidade foi mais do que uma mudança de instalações, mas também de horizontes. “E entrar assim num mundo novo e tão complexo é desafiante. Mas correu tudo bem”, conta.

Tiago pertence à geração que viveu, em 1999, a transição física da escola: das instalações mais precárias da “FACIM” para o atual edifício, construído de raiz para ser mais do que uma escola, mas também um Centro de Ensino e Língua Portuguesa. “Vir para aqui parecia que oficialmente já era uma coisa séria. Não que antes não o fosse, mas as condições mostravam que era uma coisa diferente”, lembra,

sublinhando que foi a primeira geração a realizar o baile de finalistas no novo recinto. “Tivemos aqui só um ano, mas lembro-me de finalmente parecer uma escola feita para o propósito de ser escola”.

Tiago entende que essa consciência do espaço, do desenho pensado para funcionar, não é inocente. Hoje, formado em Design Multimédia, Tiago, em retrospectiva, analisa a estrutura, os corredores, as salas de aulas, o pátio, com o olhar crítico que lhe é característico no seu trabalho. “Esta escola foi desenhada para ser natural. O melhor tipo de desenho é aquele que tu nem te apercebes. Tu só estás bem”, afirma para quem a Escola foi um ambiente que funcionava, que dava estrutura sem sufocar.

A escolha da área de artes não foi apenas vocacional, mas também estratégica. “Eu acho que as pessoas não escolhem os cursos pelo que gostam. Eles retiram o que não gostam e o que sobrar é o que dá para seguir”. Por isso, a matemática e a físico-química ficaram para além das suas escolhas, devido à sua fragilidade, diga-se, nessas áreas, optando pelas artes. Mas também havia uma outra paixão: o computador. O seu primeiro, foi oferecido



pelos seus pais, na era do *Windows 95*, altura em que Tiago descobre a internet pela primeira vez, e o fascínio por criar mundos digitais.

“Para mim, aqueles momentos influenciaram muito a minha vida, as minhas escolhas”, conta. O interesse pelos computadores juntou-se à formação artística recebida na Escola, nas aulas de educação visual e desenho, através de professores que estimulavam a imaginação. “Lembro-me que na escola estava sempre a desenhar. Era tudo o que eu via”.

A sensibilidade artística vinha de casa, uma herança de um pai ligado à música e à pintura, e encontrou na EPM-CELP espaço para crescer. Terminou o ensino secundário sem sobressaltos, foi para Portugal, na Universidade da Beira Interior, para cursar Design Multimédia. Um ambiente mais pequeno, escolhido propositadamente. “Todos os meus amigos queriam Lisboa ou Porto. Eu queria um sítio onde pudesse conhecer as pessoas”.

Envolveu-se no cinema, ganhou o Prémio Jovem Realizador da Beira Interior, produziu vídeos, animou projetos, mas nunca abandonou a vertente tecnológica. Criou,



ainda estudante, um software open source com mais de 100 mil downloads, que chegou a ser um dos mais descarregados no site da Apple. Mas não monetiza. Aprendeu. Arriscou. Errou. Cresceu.

Seguiu para a Holanda, para um mestrado em Media Technology. Viveu o choque cultural, sentiu a solidão, mas não vergou. “Se tu estás realmente a fazer uma coisa que gostas, a solidão não custa tanto. A convicção na escolha foi o que me sustentou”.

E, no entanto, o percurso internacional não o afastou de Moçambique, pelo contrário. Quando regressou, foi com um objetivo claro: criar. Não trabalhar para outros, mas construir algo próprio. Fundou a sua empresa tecnológica e lançou plataformas com impacto direto no país. O emprego.co.mz tornou-se a maior plataforma de recrutamento em Moçambique, responsável por cerca de 17 mil colocações. O Biscate conecta trabalhadores informais a oportunidades em todo o país, tendo já movimentado milhões de dólares em pagamentos. Criou ainda plataformas de poupança, participação cívica e promoção cultural, como a Cooperativa.me, dedicada a músicos alternativos



moçambicanos. E “o nosso objetivo não é olhar para a tecnologia como entretenimento. É olhar para a tecnologia como transformação”, reitera.

Para Tiago, o slogan da escola – formar cidadãos do mundo – faz sentido, porque a EPM-CELP lhe deu essa perceção de pertença global. “Quando estás aqui, tu sentes que tens um mundo à frente para descobrir”. A multiculturalidade, o contacto com Portugal, a naturalidade com que se projetava o ensino para fora do país criaram-lhe essa base.

Mas há um ponto que sublinha com insistência: privilégio. “Nós somos muito privilegiados”. Ter computador, estabilidade, acesso a uma escola estruturada, são as bases para a transformação do mundo. Por isso, argumenta: “Se falhares, não será por falta de visão e nem de oportunidades”.

Essa consciência transformou-se em compromisso. O empresário – ou empreendedor, como prefere – defende que as camadas mais privilegiadas não podem viver numa bolha. “Nós temos que pensar no que é que estamos a dar de volta. Não como caridade, mas como inteligência coletiva. Tu não consegues viver numa sociedade onde tudo à volta está-se a desmoronar”.

Professores do pré-escolar encenam peça natalícia para alunos

Na manhã de 12 Dezembro, o auditório Carlos Paredes, da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa, recebeu a apresentação de uma peça de teatro musical organizada pelos professores do pré-escolar. A iniciativa integrou atuação e música, tendo ainda contado com a participação direta das crianças na elaboração de figurinos e adereços.

Segundo o professor Paulo Jorge, responsável pelo projeto, a peça intitulada “Ninguém Dá Prendas ao Pai Natal” combinou elementos tradicionais de histórias infantis, como Cinderela e o Lobo Mau, com a narrativa natalícia. “É uma história muito interessante, para a qual compus as músicas e canções. O desafio, desta vez, foi apresentar o projeto com os educadores no palco, mostrando que a educação, para os alunos, também se faz vendo e observando, não apenas fazendo”, explicou.

O projeto envolveu os oito professores do Departamento de Educação Pré-Escolar, que ensaiaram a peça, com os respetivos alunos, durante um mês e meio. As crianças participaram ativamente, cantando as músicas e ajudando na confeção dos adereços, sem conhecer todos os detalhes da encenação até à apresentação final. Paulo Jorge destacou o caráter pedagógico da iniciativa, afirmando que “este projeto foi consistente e com qualidade. Os miúdos tiveram uma experiência de aprendizagem diferente, enquanto os adultos puderam partilhar a arte e a criatividade em conjunto. É um esforço coletivo que mostra a força da educação pré-escolar”.

Esta encenação fez parte de um projeto mais alargado de celebração do Natal na EPM-CELP. Após a sessão teatral, as crianças distribuíram cestos de frutas a outras turmas, igualmente do pré-escolar, num gesto simbólico de amizade e de promoção de hábitos de vida saudáveis. A celebração culminou com a chegada do Pai Natal, num momento de partilha e celebração para toda a comunidade escolar.



Festa de Natal encerra primeiro período letivo na EPM-CELP



O primeiro período terminou em festa na Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP). No dia 17 de dezembro, alunos do 1.º ciclo do ensino básico ao ensino secundário protagonizaram a Festa de Natal, realizada no Auditório Carlos Paredes. Mais do que um espetáculo de encerramento do período letivo, o evento traduziu o trabalho artístico, pedagógico e humano desenvolvido até ao momento.

Ginástica artística, dança, música, coro e violinos compuseram um programa que cruzou linguagens tradicionais e contemporâneas, envolvendo cerca de uma centena de alunos. Na apresentação musical participaram estudantes do primeiro, segundo e terceiro ciclo, já na apresentação de dança estiveram representados alunos desde o segundo ciclo até ao 11.º ano.

O espetáculo resultou de um trabalho contínuo ao longo do primeiro período, ainda que algumas peças tenham sido preparadas

especificamente para o Natal. “Há trabalhos que são de Natal, preparados mais neste mês, mas muitas coreografias de dança fazem parte do trabalho regular do Desporto Escolar. Trabalhamos nesta apresentação desde o início deste ano”, explicou a professora Ana Lúcia Pizarat, uma das responsáveis pela atividade.

Para além das performances em palco, que incluíram Marrabenta, Mussulo, Hip hop, canções de Natal, coro, pequenos violinos e uma coreografia ao som de “*All I Want for Christmas Is You*”, o ambiente festivo estendeu-se à cenografia e à decoração. “A participação do departamento das artes foi fundamental. O boneco de neve, as casinhas, todo esse trabalho foi feito pelos alunos”, destacou a docente.

A iniciativa partiu do Departamento de Educação Física, que lançou o desafio e integrou a dança, a música e as artes visuais numa proposta conjunta. Para Ana Lúcia Pizarat, o sucesso da experiência justifica a sua continuidade. “Eu penso que a festa teve sucesso e que

para o ano vamos mantê-la. Haja ou não a sessão solene, é um momento bonito para fechar o primeiro período”.

No plano artístico, a dança revelou um diálogo entre tradição e modernidade. “Elas fazem sempre um trabalho misturado, porque pretendo dar-lhes uma cultura mais globalizante”, afirmou. O hip hop surge como eixo central, por ser o estilo com que os alunos mais se identificam, sem excluir outras referências, integrando a cultura moçambicana. “Trabalho sempre músicas africanas, porque faz parte. Estamos em África, estamos em Moçambique e a Marrabenta faz parte do nosso plano de trabalho”.

Em duas apresentações, a Festa de Natal da EPM-CELP afirmou-se como mais do que um espetáculo escolar, mas um momento de partilha e de expressão coletiva, onde diferentes ciclos, disciplinas e linguagens artísticas se encontraram para assinalar o fim do primeiro período letivo.

Alunos do 4.º e 11.º anos visitaram o Museu de História Natural de Maputo

No último dia de aulas do primeiro período, as seis turmas do 4.º ano da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) e a turma do 11.º AI realizaram uma visita de estudo ao Museu de História Natural de Maputo, onde exploraram as diferentes salas do espaço recentemente reabilitado, após uma intervenção profunda ao longo de dois anos.

Com novas valências educativas e a recuperação das coleções existentes, o Museu tornou-se mais atrativo e interessante, proporcionando aos alunos do 4.º ano uma aprendizagem divertida e estimulante. Já os alunos do ensino secundário tiveram a oportunidade de consolidar conhecimentos da disciplina de Biologia, nomeadamente nas áreas da evolução biológica, sistémica e etologia.



Sucesso nas Finais dos Jogos Matemáticos



O projeto Jogos Matemáticos envolveu os alunos do 4.º ano da nossa escola numa jornada de aprendizagem ativa e divertida, culminando nas finais das competições Semáforo e Acerta no 100. Após explorarem regras e estratégias em sala de aula, as turmas realizaram eliminatórias internas para selecionar três representantes para as grandes finais, uma iniciativa que reforçou competências essenciais e motivou todos os participantes.

A final do jogo Semáforo aconteceu no dia 5 de novembro, tendo Myah Khan (4.ºF) conquistado o primeiro lugar, seguida por Gabriel Ribeiro (4.ºC) em

segundo e Tyra Oliveira (4.ºA) em terceiro. Já a competição Acerta no 100 realizou-se a 26 de novembro, com o pódio a ser ocupado por Álvaro Ferreira (4.ºB) na primeira posição, Tiago Dias (4.ºE) na segunda e Luna Moreira (4.ºE) na terceira.

Estas atividades ocupam um lugar de destaque na EPM-CELP por estimularem o raciocínio lógico, a análise e a tomada de decisão, tornando o ensino da matemática mais interativo e eficaz. Estão de parabéns todos os alunos pelas excelentes prestações e os professores do 4.º ano pelo trabalho exemplar na dinamização deste projeto.

Torneio “*Paintball* Humano” animou turmas do quarto ano na EPM-CELP

Cerca de 100 alunos do quarto ano da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa participaram, na manhã do dia 15 de dezembro, do torneio “*Paintball* Humano”, realizado no campo gímnodesportivo da escola, onde evidenciaram engenho, espírito de equipa e *fair play*.

A atividade, inserida no Plano Anual de Atividades, decorreu em dois turnos, o primeiro às 7 horas, onde jogaram as turmas A, B e C, e, às 10 horas, as D, E e F. Durante toda a manhã, cada equipa enfrentou as restantes do seu turno, num formato competitivo que manteve os alunos motivados e atentos, durante quatro horas.

Segundo o professor de

Educação Física, Gustavo Alves, o torneio teve como objetivo reforçar as competências desenvolvidas ao longo das aulas, como corrida, lançamentos e estratégia de equipa. Mas “mais do que isso, a atividade visa ensinar aos alunos o respeito pelas regras, o *fair play* e a importância de se respeitarem uns aos outros”, explicou.

O docente destacou ainda a energia e o entusiasmo dos alunos, bem como a participação das meninas da turma do 9.ºB, que auxiliaram na arbitragem. “Foi uma manhã de diversão e empenho, exatamente como pretendíamos. Os miúdos estiveram motivados, felizes e envolvidos em cada momento da atividade”, concluiu.



EPM-CELP Brilhou no Desafio Bebras 2025



A Escola Portuguesa de Moçambique (EPM-CELP) brilhou na edição de 2025 do Bebras – Desafio Internacional de Pensamento Computacional, uma das maiores competições educativas do mundo. Este evento global, que envolveu mais de 6 milhões de participantes em 50 países, desafiava os estudantes a resolverem problemas de lógica e criatividade. No universo lusófono, a prova contou com 150 mil alunos de 845 escolas, e os resultados da EPM-CELP foram impressionantes, refletindo o sucesso das estratégias pedagógicas nas disciplinas de TIC e Matemática.

O quadro de honra da instituição destaca 14 alunos no restrito Top 1%, o nível mais alto de distinção reservado a desempenhos quase perfeitos. Entre os distinguidos neste grupo de elite estão Mia Chissano (4A), Maya Nizamo (4C), Ariel Nham-pule e Kanya Sousa (4D), Paloma Afonso (4F), Diogo Freitas (5A), Enzo Almeida (5C), e um grupo do 6.º ano composto por Caio Ribeiro, Gabriela Loureiro, Filipa Brissos e Sudeiss Calú (6B), além de Ian Mansinho, Zayn Jas-sat e Liam Araújo (6D). Somam-se a estes, 133 alunos no Top 10% e 121 no Top 25%, totalizando centenas de estudantes nos patamares superiores da classificação.

A análise por escalões revela uma forte participação: nos Castores (3.º e 4.º anos), as turmas 4A, 4C, 4D e 4F destacaram-se com alunos no Top 1%, acompanhadas por dezenas de colegas nos patamares de 10% e 25%. Nos Benjamins (5.º e 6.º anos), o destaque recaiu sobre as turmas 5A, 5C, 6B e 6D, que concentraram os melhores resultados. Já no escalão Cadetes (7.º e 8.º anos), registou-se uma presença sólida de várias turmas nos níveis de 10% e 25%, com especial incidência nas turmas 7B, 7D, 7E e 8E. Perante estes números, a Direção e o corpo docente de Informática expressaram enorme orgulho, reforçando o compromisso da escola com a inovação e a preparação dos alunos para a era digital.

O Polo da Beira celebra dois anos de existência

O Polo da Beira da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) assinalou, no dia 6 de dezembro, o seu segundo aniversário, celebrando um percurso marcado pelo crescimento, pela consolidação do projeto educativo e pelo envolvimento da comunidade escolar.

No dia 6 de dezembro, o Polo da Beira da EPM-CELP comemorou o seu 2.º aniversário, um marco significativo que reflete o caminho percorrido desde a sua criação e o empenho de toda a comunidade educativa.

Ao longo destes dois anos, o Polo tem vindo a afirmar-se como um espaço de aprendizagem de qualidade, promovendo uma educação integral, assente em valores de rigor, inclusão e cidadania, e fortalecendo a ligação com as famílias e a comunidade envolvente.

Atendendo à imprevisibilidade das condições meteorológicas nesta altura do ano e à proximidade do final do período letivo, bem como ao trabalho associado à preparação das reuniões de avaliação por parte

dos professores titulares, diretores de turma e restantes docentes, a Direção do Polo da Beira decidiu adiar a festa comemorativa do 2.º aniversário, para data a anunciar oportunamente.

Esta opção permitirá criar melhores condições para uma celebração mais participada, envolvendo alunos, docentes, assistentes operacionais e encarregados de educação. A Direção agradece a compreensão demonstrada e manifesta a expectativa de poder contar, como tem sido hábito, com o empenho e a participação de toda a comunidade educativa.

O segundo aniversário do Polo da Beira constitui, assim, um momento de balanço e projeção do futuro, reforçando o compromisso



com uma educação de qualidade e com o contínuo desenvolvimento do projeto educativo.

Polo assinala o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência

No dia 3 de dezembro, o Polo da Beira da EPM-CELP promoveu um conjunto de atividades que envolveram toda a comunidade educativa, assinalando o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência e reforçando o compromisso da escola com os valores da inclusão, do respeito e da valorização da diversidade.

Para marcar simbolicamente a data, alunos, docentes e funcionários aderiram à iniciativa de usar meias de cores diferentes, um gesto simples, mas carregado de significado, que transmitiu a mensagem de que "somos todos iguais na diferença". A adesão generalizada a esta ação contribuiu para criar um ambiente de partilha e reflexão, visível em toda a escola.

Ao longo do dia, foram ainda dinamizadas ações de sensibilização e momentos de reflexão em contexto de sala de aula, adequados às diferentes faixas etárias, que permitiram aprofundar o conhecimento sobre os direitos das pessoas com deficiência, promover atitudes de empatia e respeito e incentivar a participação ativa

dos alunos na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Estas atividades tiveram como principal objetivo sensibilizar a comunidade escolar para a importância da eliminação de barreiras, físicas e sociais, e para o reconhecimento da diversidade como um valor fundamental no contexto educativo. A abordagem adotada favoreceu o diálogo, a partilha de experiências e o desenvolvimento de uma consciência cívica mais informada e responsável.

A jornada ficou marcada por um forte espírito de união e envolvimento coletivo, reforçando o papel da escola enquanto espaço de formação integral e de promoção de uma cultura que respeita, acolhe



e valoriza todas as diferenças. A iniciativa contribuiu, assim, para consolidar práticas educativas inclusivas e para fortalecer o compromisso da comunidade educativa com uma escola cada vez mais acessível, equitativa e humana.

Projeto Natal Solidário mobiliza alunos do 9.º ano do Polo da Beira

Solidariedade, cidadania ativa e envolvimento comunitário marcaram a iniciativa desenvolvida pelos alunos do 9.º ano do Polo da Beira da EPM-CELP, que, no âmbito do Projeto Natal Solidário, promoveram uma campanha de recolha e entrega de bens a instituições de acolhimento da cidade da Beira.



No dia 15 de dezembro de 2025, os alunos do 9.º ano do Polo da Beira da Escola Portuguesa de Moçambique realizaram uma visita solidária ao Orfanato da Ação Social da Província de Sofala, na sequência de uma campanha de recolha de bens alimentares, roupa e brinquedos que envolveu toda a comunidade educativa.

A iniciativa integrou o Projeto Natal Solidário, desenvolvido no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, e teve como objetivo promover valores como a solidariedade, a empatia, a responsabilidade social e o compromisso cívico, reforçando a formação integral dos alunos.

Ao longo das semanas que antecederam a visita, os alunos mobilizaram colegas, professores, assistentes operacionais, encarregados de educação e parceiros locais, reunindo uma quantidade significativa de donativos. Os bens foram entregues pessoalmente no orfanato, situado na zona da Ponta Gêa, num momento marcado pela partilha, pelo contacto direto com a realidade da instituição e pela reflexão sobre diferentes contextos sociais.

No mesmo dia, e no âmbito do mesmo projeto, os alunos procederam ainda à entrega de bens no Orfanato Melanie, permitindo que a campanha beneficiasse duas instituições da cidade da Beira e reforçando a dimensão solidária e inclusiva da iniciativa.

Desporto, Superação e Espírito de Equipa no Torneio de Voleibol de Praia

No dia 7 de fevereiro, os alunos do Polo da Beira mostraram talento e espírito de equipa num animado torneio interestaduais de voleibol de praia.



A iniciativa teve lugar no Complexo do Sporting Clube da Beira, onde várias escolas se reuniram para partilhar não apenas a competição, mas sobretudo o entusiasmo e o espírito de fair play que caracterizam o desporto escolar.

Ao longo dos diferentes jogos, os alunos demonstraram empenho, disciplina e respeito pelas regras e pelos adversários, evidenciando um forte sentido de responsabilidade na representação da nossa escola. Cada ponto disputado refletiu não apenas a vontade de vencer, mas também a capacidade de cooperar, comunicar e superar desafios em equipa.

Mais do que os resultados alcançados, este torneio constituiu uma experiência formativa significativa. A prática desportiva, em contexto interescolar, reforça valores essenciais como o trabalho colaborativo, a resiliência, a superação pessoal e o respeito mútuo — competências fundamentais para o desenvolvimento integral dos alunos.

Participações como esta sublinham o papel estruturante do desporto na escola, promovendo estilos de vida saudáveis e proporcionando aprendizagens que ultrapassam o espaço formal da sala de aula. Felicitamos todos os alunos pelo desempenho e atitude exemplar, bem como os docentes e organizadores que tornaram possível esta enriquecedora experiência.

Alegria, Criatividade e Reconhecimento no Carnaval Escolar

No dia 13 de fevereiro, os alunos do 1.º ciclo viveram uma manhã repleta de cor, fantasia e espírito de comunidade durante a comemoração do Carnaval.



A celebração transformou a escola num espaço de convívio e criatividade, com máscaras coloridas, fantasias originais e muita animação. Os alunos participaram ativamente nas atividades, mostrando entusiasmo e alegria, enquanto expressavam a sua imaginação e talento artístico. Este momento festivo reforçou valores essenciais como a cooperação, a inclusão e o respeito pela diversidade, promovendo uma vivência educativa que vai além da sala de aula.

Durante a manhã, foi também realizada a entrega dos prémios relativos ao Concurso de Halloween e ao Concurso de Poemas e Contos, destacando os alunos pelo empenho, criatividade e dedicação demonstrados. No período da tarde, procedeu-se à entrega dos prémios destinados aos alunos do 2.º e 3.º ciclos, num momento simbólico de valorização do mérito e da participação ativa na vida escolar.

Estas iniciativas reforçam a importância de promover experiências diversificadas no contexto educativo, estimulando a criatividade, o envolvimento e o reconhecimento do trabalho dos nossos alunos, contribuindo para o fortalecimento da comunidade escolar e para uma educação integral, que combina aprendizagem, diversão e desenvolvimento de valores.

Apreciação escrita de “O Estrangeiro”, de Albert Camus

Estava em plena aula de português quando o meu colega Tomaz se sentou ao meu lado e me diz: “Lê este romance:” O Estrangeiro, de Albert Camus, publicado em 1942. Este livro aborda o conceito de “absurdo”, havendo claramente traços que dialogam com o existencialismo e com a sensação de desenraizamento e indiferença perante o mundo.

Albert Camus, tendo em conta o seu *background*, consegue transmitir, neste livro, aquilo que é ser um estrangeiro do mundo.

Camus cresce na Argélia, num ambiente de extrema pobreza. Um ano depois do seu nascimento, o pai morre na Batalha de Marne durante a Primeira Guerra Mundial; a mãe era quase surda e analfabeta, marcando, assim, desde cedo, uma demonstração do conceito de vazio. Camus, mesmo assim, destaca-se na escola primária e *Louis Germain*, professor de Albert Camus, reconhece o seu talento e incentiva-o a continuar os estudos, algo raro para alguém do seu estatuto. Aos 17 anos sofre uma tuberculose interrompendo os estudos, demonstrando assim que, desde cedo, experimentou o sabor da condição e fragilidade humanas, mas sem nunca desvalorizar as sensações, tendo uma forte ligação com o sol e com o mar.

Em 1957 ganha o Prémio Nobel da literatura.

Meursault, figura central de O Estrangeiro, recebe um telegrama que visa informar sobre a morte da mãe, e, a partir daí, começamos a entender o que *Meursault* é, um estrangeiro, um estrangeiro do Mundo, desconectado, despreocupado, quase como um estoico, mas sem controlar os sentimentos e sem sequer conceder às emoções valor transcendental, tudo para ele é indiferente. Fez-me lembrar de Ricardo Reis, heterónimo de Fernando Pessoa, que defendia que cada dia sem gozo não foi teu, foi só dures nas neles, e *Meursault* apenas durava nos dias, era um homem que, apesar da indiferença na sua existência, tinha os seus prazeres, nomeadamente, o cigarro, os banhos de sol e de água salgada do mar e, por vezes, Marie. *Meursault* não era infeliz, não tinha razões para tal e ele concorda

comigo.

Ao ler o livro, deparei-me com um *Meursault* que não agia perante nada, então, nada reagia nele, e isto é interessante porque era simples, *Meursault* não vivia em tédio e, mesmo assim, era representado como uma figura desinteressada, mas ele gostava de ser assim, aceitava ser assim, aliás, ele nada via em dramatizar as suas ideias ou os seus sentimentos, e quando *Meursault* realmente agiu e a vida reagiu nele, com um estado de pura calma aceitou as consequências como se não fossem consequências.

A leitura de O Estrangeiro proporcionou-me a percepção do que é viver sem realmente nos preocuparmos com o conteúdo para lá da nossa alma e da nossa vontade própria - algo irónico, tendo em conta que todos os conteúdos da nossa alma e vontade provêm do exterior, e nós apenas adaptamos as crenças que vamos adquirindo ao longo da vida. A nossa personalidade é, assim, um reflexo dessas influências.

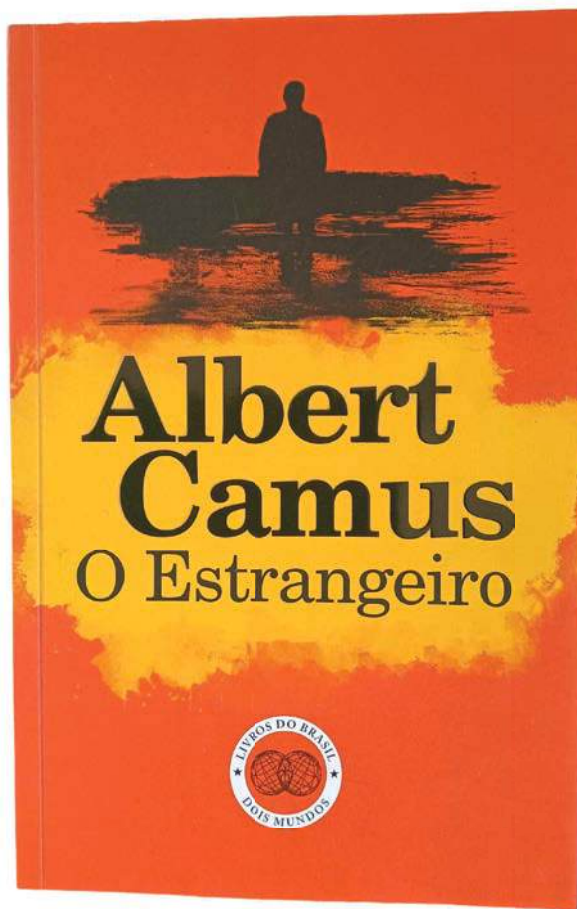
É um livro pequeno que representa grandiosidade, fácil de

ler, com vocabulário acessível e com uma filosofia que é apenas percebida através do entendimento do que realmente é ser um estrangeiro que escapa aos padrões da sociedade. Lido de forma errada, pode considerar-se *Meursault* um egocêntrico, mas ele não pensa nele, simplesmente não pensa nos outros da forma que a sociedade espera, para ele, isso nada acrescenta à sua existência - no romance, quando Marie pergunta se *Meursault* a ama, ele responde dizendo que isso nada interessa.

É bastante diferente ler livros contemporâneos e ler livros mais antigos - o seu contexto, as ideias, a realidade são todos eles diferentes.

O Estrangeiro, de Albert Camus, é um livro de tirar o chapéu, pela simplicidade e por aquilo que representa; recomendo-o a quem sabe o que é ser um Estrangeiro no meio de paisanos e está disposto a questionar a forma como a sociedade define sentido e valor para a vida de cada um de nós.

Gaspar Ferreira



O pulsar de uma escola incubadora de vidas



Texto

Alexandra Melo

Coordenadora Serviço de Psicologia e Orientação

Um aniversário é mais do que a simples contagem do tempo. Cada aniversário tem em si o momento em que os afetos se tornam o presente essencial, por mais que se torne, por hábito, materializado. Celebrar o nascimento de alguém é validar a importância da sua presença no mundo e reafirmar os laços que nos unem. Celebrar um aniversário é viver e rever uma história, desde a origem até ao presente, sem tirar o olhar do futuro; “Que conte muitos! E connosco a ver...”, é dos desejos mais usuais, sobretudo entre os mais velhos! O aniversário une os tempos individuais, mas junta aqueles que se mostram mais próximos e mais significativos na história do sujeito, tornando-se importante comemorar o nascimento em grupo.

Celebrar o aniversário de uma escola é celebrar o nascimento de muitos “alguéns”. São alguéns que, desde o seu início, dão vida ao que poderia ser apenas um edifício, frio, despido, sem vida, apenas uma “vida silenciosa”, como que se de “natureza morta” se tratasse. O termo “vida silenciosa” deriva do holandês *stilleven* e foca na representação estática de elementos que, frequentemente, simbolizam a “efemeridade e a fragilidade da vida. Assim seria a escola, um lugar efêmero, vazio, frágil, se nela não habitassem vidas com pulsares, sentires, energias, desejos, desconfortos, riscos, novas experiências, confusão, dificuldades, mudanças, mas sempre plena de

afetos e sempre com a oportunidade de crescimento.

Na escola encontram-se vidas com nascimentos de diferentes origens, de diferentes lugares, de diferentes tempos, de diferentes experiências, mas todas elas encontram-se na mesma origem e com o mesmo destino, naquela que os recebeu com a garantia de permitir um percurso comum na sua formação integral, no contributo para dar caminhos, para viver e atuar de forma consciente na sociedade, de favorecer um espaço de aprendizagem de habilidades sociais, sendo que a escola é o primeiro espaço onde a criança convive com a diversidade fora do núcleo familiar. aprendendo a respeitar regras, compartilhar experiências e lidar com diferentes pontos de vista, enriquece o seu mundo de valores.

A celebração de aniversários numa escola é festejar cada vida que ela integra! É reconhecer-se como que uma incubadora que faz a transição entre o contexto familiar de máxima protecção, ainda protegendo das agressões externas, mas ao mesmo tempo contribui para o desmame do que pode tornar-se a superprotecção, permitindo o nascimento do ser social, consolidando as aptidões que se mostram grandes ferramentas para a validação daquele que na vida adulta vai ter um papel vital na sociedade.

A escola forma cidadãos, capacita cada aluno a exercer os

seus direitos e deveres, participando ativamente da democratização da sociedade, prepara-os para o mercado de trabalho, desenvolve a autonomia, oferece as competências e habilidades básicas necessárias para que o aluno possa, futuramente, ingressar na vida profissional, capacita-os para agentes de mudança, como atores de transformações sociais, desenvolve o seu sentido crítico e proporciona condições para aprender a lutar pelo combate de desigualdades.

Comemorar o aniversário de uma escola é comemorar cada percurso de vida nela criado, desde o primeiro dia que nela entrou, até ao fim da sua vida social. A escola jamais deixa de assumir como seu aquele cidadão que, hoje, lembra todos os que cruzaram corredores. Quem nasce na escola, cresce! Quem nasce na escola desenvolve-se! Quem nasce na escola transforma-se! Quem nasce na escola transforma! Quem nasce na escola sente! Quem nasce na escola aprende a perceber a existência de outros seres onde a diferença é celebrada no centro da equidade. Celebrar o aniversário de uma escola é celebrar o enriquecimento de se constituir no ambiente para o encontro e enriquecimento de vidas. Mais do que uma estrutura física, a escola é um organismo vivo, feito de afetos, de memórias, de sonhos e investimentos de futuros de vidas, onde o convívio permite a partilha e o seu enriquecimento.

Feira do Futuro: preparar hoje o amanhã

O ano letivo 25/26 já vai quase a meio e, entre desafios e oportunidades, a comunidade escolar continua a crescer, a adaptar-se e a inovar. E isso é muito positivo. Ao mesmo tempo que respondemos a novos contextos, consolidamos iniciativas que procuram sempre melhorar — como é o caso da **Feira do Futuro**, que este ano celebra a sua 4.^a edição.

Ao longo do ano, várias atividades dão forma a este projeto. A primeira, o **EPM@Work**, realizou-se durante a interrupção letiva de final de outubro. Mais de 110 alunos do 10.º, 11.º e 12.º anos participaram nesta experiência, distribuídos por 34 organizações que aceitaram o desafio de os receber durante uma manhã, uma tarde ou até dois dias.

O objetivo foi simples e claro: proporcionar um primeiro contacto com o mundo profissional. O balanço não podia ser mais positivo. O número de alunos participantes duplicou, assim como o número de organizações envolvidas. Mais importante ainda é ouvir os próprios alunos reconhecerem o impacto da experiência — seja por os ajudar a tomar decisões, seja por reforçar a confiança nas suas escolhas futuras. No início do 2.º período, decorreu outra componente da Feira do Futuro, dinamizada pela Associação Inspiring Future. Ao longo de vários dias, realizaram-se **workshops** e sessões em sala de aula e no auditório, onde se abordaram temas como a proatividade, a importância de pesquisar e filtrar informação e o conhecimento do mercado de trabalho.

Entre 19 e 23 de janeiro, através de jogos de tabuleiro pedagógicos, os alunos participaram em missões de autoconhecimento que os ajudaram a identificar aspetos determinantes para as suas decisões futuras. Já nas sessões em auditório, houve espaço para esclarecer dúvidas e partilhar inquietações — muitas vezes percebendo que os receios são comuns a todos.

Houve também um momento dedicado aos Encarregados de Educação, com uma sessão de esclarecimento sobre o acesso ao ensino superior. Esta iniciativa permitiu esclarecer questões relacionadas com a conclusão do ensino secundário, os requisitos de candidatura e as diferentes vias de acesso, incluindo

The banner for 'FEIRA DO FUTURO' features the title in large white letters on a green background, with the dates 'Jan & Fev 2026' in a red box. Above the banner are the logos of APEE-EPM (Associação de Pais e Encarregados de Educação - Escola Profissional de Moçambique) and the Escola Profissional de Moçambique. Below the banner is a photograph of four professionals: a man in a suit, a woman in a firefighter's uniform, a woman in a nurse's uniform with a stethoscope, and a man in a pilot's uniform.

Com o apoio de:

uma sessão específica dedicada aos cursos profissionais.

A 16 de fevereiro, realizou-se ainda a “Feira das Universidades”, organizada pela Inspiring Future. Durante a tarde, os alunos, organizados por salas temáticas, puderam assistir a apresentações de várias universidades e institutos superiores, conhecendo melhor a oferta formativa, os planos curriculares, os campus e as condições de acesso.

A 4.^a edição da Feira do Futuro terminou na manhã do dia 20 de fevereiro, quando um número crescente de profissionais voluntários de diversas áreas partilharam com os alunos do 10.º e 11.º anos os seus percursos académicos e profissionais, bem como experiências pessoais. Ouvir testemunhos na primeira pessoa e ter a oportunidade de colocar perguntas diretamente a profissionais experientes é uma das

atividades mais valorizadas pelos alunos — e muitos dos convidados já são participantes habituais ao longo destas quatro edições.

Uma palavra final de agradecimento a todos os que tornam possível esta iniciativa — através do apoio financeiro e/ou material e da confiança depositada na equipa composta pela Direção e Coordenação da EPM e pela Associação de Pais e Encarregados de Educação.

Um reconhecimento especial aos patrocinadores: Acácia In, BCI, Cotur, Maison Moz, Mozago e TV Cabo, cujo contributo tem sido fundamental para viabilizar a Feira do Futuro.

Porque, no fundo, o mote mantém-se: **apostar nos jovens é apostar no amanhã.**

Momentos do Carnaval (2026)



Tu és a melhor escola
do mundo.

Feliz aniversário EPM!



A EPM
é a
Melhor



Parabéns escola por sempre
teres 26 anos!

Nunca me esquecerei de ti!

EPM

A escola é a melhor
escola do mundo



Eu gosto
de todos os meus professores
e de todas as minhas
matérias.

A EPM
é a melhor



Feliz aniversário
escola
Portuguesa de
Moçambique

Duogo 2º. E



ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE
CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA